

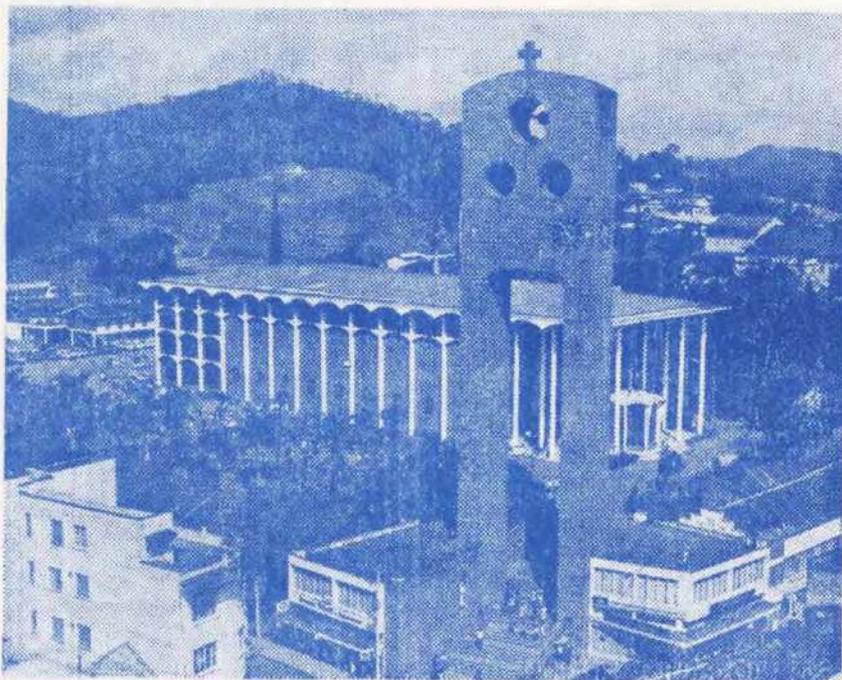
Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII

Junho de 1996

Nº. 6

EFEMÉRIDE HISTÓRICA DO MÊS



Igreja Matriz São Paulo Apóstolo — Blumenau

A consagração da Igreja ocorreu no dia 25 de janeiro de 1958. A torre começou a ser construída em 1960 e foi inaugurada em 01 DE JUNHO DE 1963, concluindo assim a construção da Igreja Matriz de Blumenau.

IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A **FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU**, EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- CLICHERIA BLUMENAU LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPROM ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SILVIO PAULO ARALDI, ADVOGADO E FAMÍLIA
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- VICTORIA E WILLY SIEVERT
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Junho de 1996

Nº. 6

SUMÁRIO

Página

Verbetes para Dicionário de História (7) — Theobaldo Costa Jamundá	162
Curiosidades de uma Época - XLIII — S.C. Wahle	164
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	166
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	168
Cinemas, ontem e hoje — Gervásio Tessaleno Luz	170
Um capítulo da história de Rio do Sul — Emílio Odebrecht	171
Aconteceu... Abril de 1996	180
Registros de Tombo de Brusque (V) — Pe. Antônio Francisco Bohn	183
Aconteceu... há 50 anos passados	185
A vida de descendentes alemães no Hinterland e o auxílio da Mãe Natureza — W.H. Tönjes	186
Genealogia das Famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges	188

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787

89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CLICHE: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (7)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

1. GARIMPEIROS CIVILIZADORES

Enriquece a Bibliografia catarinense desde 1995, o livro de frei Elzeário Schmitt, OFM., intitulado: "ROMANCINHO FRANCISCANO NO SUL". Sem ele sabia-se menos sobre a atuação dos franciscanos no território catarinense.

Nele está a divulgação mais profunda da sementeira religiosa de Teresópolis. Ali avizinados da Ilha de Santa Catarina, quatro frades ativaram a "NOVA PROVÍNCIA FRANCISCANA". E foi daquela sementeira-mãe ou como diz frei Elzeário: "DO MODESTÍSSIMO BERÇO DA PROVÍNCIA RENOVADA, NA MODESTÍSSIMA TERESÓPOLIS" que saíram os frades para Blumenau e também para Lages, SC.

E por que o padre José Maria Jacobs quis eles aceitarem ser continuadores de tudo já começado e até da entidade hoje, universalmente, conhecida sendo o COLÉGIO FRANCISCANO SANTO ANTÔNIO.

Convém reforçar pe. Jacobs sendo criatura de vida curta: 38 anos apenas, no período 1854-1892. **Entretanto nos seus 16 anos blumenauenses com gesto e ato de inspiração divina: passar à assistência religiosa e o "Colégio Central São Paulo", que fundara em 1877, para os frades de São Francisco.** Desta decisão em 1892 se conclui que o "COLÉGIO FRANCISCANO SANTO ANTÔNIO tem 119 anos, sendo que desses tantos 104 sob o tirocínio colhido no Brasil mais antigo (dos baianos, pernambucanos, cariocas e fluminenses, paulistas e capixabas) por religiosos e professores franciscanos.

O gesto e a decisão de pe. Jacobs, foi ato de bem querer à Terra e a Gente.

Na terra viveu pouco mas na História da educação, ficou para sempre.

2. O ATO DE "DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS"

Está completando 100 anos a revogação do "RESCRITO VON DER HEYDT". Foi aplicado durante trinta e sete anos e durando retardou com prejuízo a ocupação dos lotes que deveriam interessar europeus dispostos a comprá-los. — O imigrante não chegou por que aquele ato político proibiu. O prejuízo conhecido no território catarinense alcançou as áreas de Blumenau e Joinville, exatamente, quando o imigrante era investimento básico.

O ato apareceu como salvaguarda necessária: a mão de obra qualificada saía da Europa. E quando o país prejudicado com a diminuição da população e mais que isso com o braço trabalhador, apelou para a providência que na Alemanha foi, exatamente, o "Rescrito von der Heydt". O ato relacionou também a cobrança obrigatória de bom tratamento para o imigrado-colonizador. Entende-se a propriedade e o alcance social e político no interesse do governo alemão. **Nunca se pode desconhecer que foi estrangulador da corrente imigrantista: Alemanha-Brasil. E que era proibido vir imigrante para Santa Catarina, porém ia para o Espírito Santo.** Daí poder também ter sido ato político da política germânica com "DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS". Os dirigentes responsáveis pelos assuntos Emigração, na Alemanha, jamais cooperaram com o Dr. Blumenau e estenderam a restrição ou a discriminação do plano colonizador que fomentou. Veja-se Carl Fabri metido de corpo e alma no povoamento dos lotes

pelos vales do rio Itajaí-do-Norte, falando alto sobre a necessidade da extinção da "Portaria ministerial de von der Heydt". E só falou por que era senhor de experiência maior adquirida na SOCIEDADE COLONIZADORA DE 1849, em Hamburgo.

3. COLÔNIA "HANSA-HAMÔNIA"

Foi fração do território de Blumenau e hoje está integrado na Microrregião de Rio do Sul. A raiz do seu povoamento é a "Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897" criada para povoar as terras das ecologias dos rios Itajaí-do-Norte, Itapocu e Cachoeiro. Diz o comunicativo eng. Otto Lira, que os construtores da casa da sede, ali onde o ribeirão Taquaras entra no Itajaí-do-Norte, foram A. W. Selin e Emil Odebrecht, o primeiro incumbido da gerência e o segundo no ofício de demarcação dos lotes. Quando o território de Blumenau ficava no distrito "Indaial". A 29.05.1912 foi elevado a categoria de distrito e chamado, regionalmente, "Hansa-Hamônia". Foi com o topônimo: "Dalbérgia" feito município em 11.03.1934. Voltou a ser "Hamônia" em maio de 1935. E sua sede alcançou a categoria oficial de cidade pelo decreto-lei estadual, 86, de 31.03.1938.

A revisão da divisão administrativa e judiciária de Santa Catarina 1944-1948 (decreto-lei estadual 941) deu-lhe o topônimo "IBIRAMA". — **A voz do povo invençou a pilhéria inofensiva: "Aipirama"** (...)

Nas terras ibiramenses quando apelidadas: hamonienses e o seu prefeito era Rodolpho Koffke (nereusista declarado e prestigiado) foram prestadas homenagens que não desapareceram às seguintes personalidades: Getúlio Vargas (1883-1954); Gustavo Richard (1847-1929); José Boiteux (1865-1934). O primeiro era presidente da República, o segundo governou Santa Catarina em 1891 e o terceiro criou, organizou e fez fun-

cionar a Academia Catarinense de Letras. **Ainda naqueles tempos do prestigiado prefeito Koffke, dois acontecimentos marcaram a presença do getulismo: (1) Construção do grupo escolar "Gustavo Capanema", no distrito Getúlio Vargas** (Este topônimo lhe foi dado em 1938, era "Nova Breslau"). O homenageado nessa casa de ensino foi o ministro da educação e saúde do período 1933-1945. O evento da inauguração solene com presença de autoridades civis e militares, foi presidido pelo Dr. Nereu Ramos acompanhado do comandante da 5ª. Região Militar. O orador da saudação às autoridades foi o juiz de Direito da Comarca, Dr. Cantídio Amaral.

O acontecimento entrou para a História da educação catarinense a 08.06.1941. **Também é da era getulista a presença do Exército Brasileiro ali:** esta foi concretizada pela 6ª. Cia. do 13 R.I. (sediado em Ponta Grossa, PR.) sob o comando do capitão Emanuel de Moraes. Esta unidade já estava ali antes do 32 B.C. chegar para Blumenau SC, a 11.04.1939.

Hamônia assemelhada a outras localidades interioranas, ficava distante dos centros das decisões políticas, administrativas, comerciais e outras: a distância isolava. Examine-se que desde o início do povoamento, aquela estrada, que não era mais que picadão seguindo o ribeirão do Cocho, assim como a construíra Gottlieb Reif, era precária também até para ser alcançada no local da desembocadura daquele ribeirão do Itajaí-açu. E foi de tanta inconveniência que foi abandonada. Por aquele caminho vicinal o progresso seria muito lento. O bloqueio da comunicação com vizinhos demoraria muito mais, principalmente, descendo na direção do mar. E subir para os lageanos e os curitibanos, dependia de ultrapassar a mata com todos os seus riscos e exigências.

Quando o dia 30 de março de 1997 chegar, os ibiramenses completarão um século de povoamento nos áreas do rio

Itajaí-do-norte. — **Quantos deles lembrar-se-ão de CARL FABRI, sonhador, idealista e colonizador de boa intenção lucrativa e ao mesmo tempo estimuladora do progresso ?**

Quantos avaliarão a origem das raízes familiares, estreitamente ligadas com o funcionamento da "Sociedade Colonizadora Hanseática", exatamente, desde o primeiro contrato firmado com o governo da República ainda criança ? Quantos sabem a diferença do por que o ibiramense não teve começo na "KOLONIE BLUMENAU" ? — "HAMÔNIA" vem aparecer em 1912 sendo distrito do município : Blumenau. E o rio Itajaí-do-norte é chamado "rio Hercílio" fixando homenagem política ao político de atua-

ção candente e vezes sendo governador dos catarinenses : Hercílio Pedro da Luz (1860-1924). Recorde-se que consumiu período da vida chefiando "Comissão de Terras, em Blumenau, SC (1891).

O ibiramense vem no processo civilizatório fomentado naquela Sociedade onde Carl Fabri, foi líder de personalidade forte. Ele aparece na amálgama do catarina da Bacia do Itajaí pelas afinidades de maneiras assemelhadas, que uns enxergam como : étnicas; outros definem como : culturais. — E mercadores de turismo, vendem como : germânicas. As pressões liderantes que o núcleo chamado "BLUMENAU" exerceu e exerce : é outra conversa...

BIBLIOGRAFIA DE APOIO :

STADEN, Boletim do Instituto Hans, nº. 3, nov. 1950.

"A COMARCA" (jornal publicado em Indaial, início 1939).

D'AMARAL, Max Tavares, Contribuição à História da Colonização Alemã no Vale do Itajaí, (1950).

RICHTER, Klaus, A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do interior de Joinville e Blumenau (1986).

ARNS, Alice Bertoli, Laguna, uma esquecida epopéia de franciscanos e bandeirantes e a história de uma velha igreja (1975).

WAGEMANN, Ernest, Colonização alemã do Espírito Santo, tradução de R. Sant'Ana. IBGE, Rio de Janeiro, RJ.

Curiosidades de uma Época - XLIII

Dr. Luiz Renaux

S.C. Wahle

1995

Quando em 1922, o meu pai ainda lecionava no Colégio Santo Antônio, os padres franciscanos, para ganhar um campo esportivo, estavam provocando um desmonte do morro que limitava com o cemitério velho. Esta escavação era feita manualmente e a terra era transportada por carroças contratadas com o Sr. Paul Freygang.

O trajeto destas carroças seguia ao lado do colégio, tendo do

outro lado o terreno dos Veigas e passando o portão junto a cozinha do convento. aí o caminho fazia uma descida antes de entrar na rua 15. O percurso ia até o canal de um córrego que vinha da colônia dos franciscanos e desaguava no rio Itajaí entre os terrenos dos Baumgarten do jornal Blumenauer-Zeitung e do Sr. Theodoro Zadrozny. Este canal era chamado na época de Peter's Kanal, A terra remo-

vida era depositada nos terrenos de Arthur Rabe e Frederico Rabe. Brincar para mim, trepando nos cambões traseiros das carroças, e andar nas carroças na descida era o máximo para um garoto de minha idade. Este tipo de brincadeira era proibido, tanto pelos cocheiros, como pelos padres e também pelos meus pais. Numa dessas descidas, o chicote do cocheiro estalou bem perto de mim, o que me dava a impressão de que o cocheiro estivesse querendo me chicotear. De susto caí do cambão e a carroça que vinha logo atrás, passou por cima de mim. Felizmente só fui vítima do tropel dos cavalos ficando no centro da linha das carroças e distante das rodas da carroça que não chegaram a me tocar. Um aluno de nome Meier, um ex-seminarista que ficara em Blumenau para aprender o alemão, recolheu-me, entregou-me a minha mãe e foi buscar o meu pai que estava dando aula no colégio. O meu pai levou-me ao Hospital Santa Isabel, onde o médico, um professor alemão, informou que não dispunha de enfermeiros para limpar-me. Terra e areia misturado com esterco cobriam o meu corpo e enchiam as feridas. Não perdendo a calma, foi direto ao consultório recém aberto com uma pequena clínica, pertencente ao Dr. Luiz Renaux, filho do Cônsul Carlos Renaux de Brusque. Dr. Luiz Renaux tinha estudado na Alemanha e passara a guerra por lá. De imediato recomendou que se deveria obter a permissão dos franciscanos, em ceder o irmão franciscano, que tinha sido enfermeiro de frente de batalha durante a 1ª guerra mundial. Este enfermeiro estava nesta época cuidando da ferraria da colônia dos padres. Ele ficou horas cuidando da minha limpeza, fazendo

até uso de pinça para retirar grãos de areia das feridas abertas ensanguentadas. Usava soluções desinfectantes preparadas pelo Dr. Renaux. Meu pai dissera-me que foram cerca de 3 horas. Quando terminou, o meu pai perguntou ao enfermeiro o que ele deveria pagar por todo este trabalho. Como bom alemão respondeu: «Ein anstaendiges geeistes Glass Bier» (Um copo de cerveja decentemente gelado). O que foi providenciado na hora. Foi aí que começou o trabalho paciente do Dr. Renaux. Foram meses de curativos, engessamentos e tudo o mais que se tornava necessário para um completo restabelecimento. Inicialmente ficara com a boca bem deformada, com o lábio superior virado para cima. Parecia que eu teria que ser submetido a uma cirurgia na boca. Mas Dr. Renaux era contrário a cirurgia e favorecia intensas massagens e ginásticas. Diariamente passava de uma a duas horas em sua clínica e que durou cerca de 3 meses. Em continuação foi a persistência de minha mãe que fez com que o lábio voltasse ao lugar normal. Este contato forjou uma grande amizade entre o médico e o paciente. Periodicamente o irmão franciscano aparecia por lá para saber como eu estava passando. O Dr. Renaux sempre tinha uma cerveja na geladeira, para quando viesse o irmão e fazia questão que eu lhe servisse. Nesta época ainda não haviam refrigeradores e sim geladeiras alimentadas com barras de gelo, que eram compradas e entregues à domicílio. Um belo dia, quando ia passando para cumprimentar o Dr. Renaux, informaram-me que ele tinha se mudado para o Rio de Janeiro. Fiquei profundamente abatido, pois nesta idade tudo é sensível. Somente mais

tarde, o meu pai explicou-me que o Dr. Renaux não podia mais trabalhar, pois estava doente. Ele sobreviveu a doença (câncer) por 10 anos, vindo a morar na praia de Camboriú, quando nela não existiam mais de 5 casas, sendo só a dele construída em alvenaria. Sempre quando havia oportunidade de passar pela praia de Camboriú não deixava de visitá-lo, e ele sempre sentia prazer em me ver, pois um dia me falou que eu devia a minha vida ao irmão franciscano, pois, por um verdadeiro milagre deixou de haver uma infecção letal. E que a maior sorte que eu tive, e o que mais o preocupava seriam as sequelas que poderiam se originar em consequência dos maus tratos que as patas dos cavalos tinham provocado na minha cabeça. Por falta de aparelhos e instrumentos adequados, na época, não havia possibilidade de se verificar a extensão da concussão cerebral. Por ter sido obrigado a observar uma disciplina em função dos tra-

tamentos e curativos impostos por meu acidente, com orientação sempre segura do Dr. Renaux e com o apoio integral de meu pai não foram constatadas sequelas.

Logo após o acidente houve uma tendência de se despedir o cocheiro. Mas, o bom senso do Sr. Freygang, apoiado pelo meu pai, acharam por bem deixá-lo no trabalho e isentá-lo de culpa. Foi justo, pois alguns anos mais tarde este cocheiro explicou-me que usava o chicote para, com os estalos, excitar os cavalos, pois, a carga era pesada, e que um destes estalos deve ter ocorrido perto de mim, provocando um susto, caindo em consequência do cambão traseiro da carroça. Quando fui contar ao meu pai, ele ficou muito contente por ter me livrado do complexo em culpar o cocheiro.

Quando o meu pai me informou do falecimento do Dr. Luiz Renaux, senti um vazio e fiquei horas mantendo viva a imagem deste médico humano.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATILIO ZONTA

PRIMEIRAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM ASCURRA

Em 15 de novembro de 1963, procedeu-se no município de Ascurra, em ambiente mui acalorado, as eleições municipais. Duas facções políticas, somente, pleitearam as vagas de Prefeito e Vereadores: União Democrática Nacional (UDN) e Partido Social Democrático (PSD).

Com a aproximação do pleito, a luta pela conquista da Prefeitura agravou-se e, mais ainda, quando o registro dos candidatos à Câmara Municipal pela

União Democrática Nacional, foi impugnado pelos representantes do PSD em razão de um pequeno lapso cometido na elaboração dos documentos apresentados à 15ª. Zona Eleitoral de Indaial. A UDN não conseguiu corrigir o simples erro cometido em seus documentos, no prazo estabelecido pela Justiça Eleitoral, o que resultou no cancelamento das candidaturas de seus postulantes à Câmara Municipal. Em consequência, as eleições transcorreram em clima mui tenso.

Encerrada a eleição, o PSD elegeu seus sete candidatos à Câmara de Vereadores que passaram a constituir a 1ª. Câmara Municipal de Vereadores do Município de Acurra. Os candidatos eleitos foram os seguintes: Antônio Dalfovo, Ambrósio Poffo, Pasqual Poffo, Silvestre Prada, Leopoldo Sandri, Juvenal J. Reis e Olivo Chiste. Suplentes: Carlos Poffo e Erwin Pisa.

O candidato a Prefeito, porém, pela UDN, Leandro Possamai, conseguiu eleger-se com uma maioria de quarenta e poucos votos e toma posse do cargo, no dia 27 de novembro de 1963, às 15h no edifício da Prefeitura Municipal de Acurra. Presentes à posse de Leandro Possamai encontravam-se o Prefeito Alfredo H. Hardt do município de Indaial, Atilio Zonta, Deputado Estadual, Alberto Moser, Escrivão de Paz, Arthur Reblin, membro do Diretório da UDN, Carlo Bona, funcionário público municipal, Virgílio Beber, cunhado e correligionário do novo Prefeito, Richard Paul Neto, Advogado com escritório de advocacia na cidade de Timbó e a participação de expressiva massa popular. Após à posse do Prefeito Leandro Possamai, constituiu uma Comissão Especial para proceder ao levantamento do Patrimônio do Município, Comissão esta, composta dos nomes constantes das Portarias 1/63 e 2/63, que dentro de instantes, referida Comissão, apresentou a relação dos bens e valores que foram levantados.

Fazendo uso da palavra o ex-Prefeito provisório Arlindo Ferrari, desejou ao novo mandatário uma boa e profícua gestão, dizendo mais, que se sentia feliz em poder transmitir o governo do município a um cidadão probo e que certamente irá realizar uma administração digna de admiração por todos os munícipes e plenamente entrosado com o Governo Estadual. Ao ser encerrada a Sessão solene de posse, Leandro Possamai, usou da palavra para agradecer o discurs-

so proferido por Arlindo Ferrari, extensivo esse agradecimento à população de Acurra que o elegeu. Afirmou, também, que envidaria todos os esforços ao seu alcance em prol do bem da comunidade e tudo faria para um entrosamento especial com o Governo do Estado, e sobretudo, com a Câmara de Vereadores composta de sete membros todos da oposição, ou seja, do Partido Social Democrático.

Se os candidatos à Câmara Municipal pela União Democrática Nacional tivessem concorrido à eleição que se realizou, o Prefeito Leandro Possamai poderia contar com a maioria absoluta de seus membros, em seu período de governo.

Desde os primeiros dias, a administração do 1º. Prefeito eleito, grangeou-lhe vasta popularidade em razão de ter começado a estimular mais o desenvolvimento agrícola em virtude de a principal riqueza de Acurra consistir-se em plantações de cereais. Procurava, Leandro Possamai, convencer os colonos de não negligenciarem seus trabalhos agrícolas, pois dele, receberiam toda a ajuda que fosse necessária para o aumento da produtividade.

Aceitava o novo mandatário sugestões com humildade, e agradecia as críticas construtivas de quem corrigisse a sua atuação, para melhorar. Foi ele sempre um homem de grande habilidade e amou, sobretudo, o trabalho. Educado dentro das normas de vida herdadas de seus ancestrais, normas essas rígidas e de princípios morais severos. Enfim, possuía os atributos administrativos que lhe permitiram iniciar uma administração notável em seu primeiro período de governo.

Leandro Possamai, sempre foi um homem dinâmico e trabalhador e sempre teve por base o bom êxito individual através de um alto quociente de méritos pessoais.

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

O FECHO DA TRILOGIA

Com a publicação da antologia «Este Amor Catarina» (Editora da UFSC — Florianópolis — 1996), fechou-se a trilogia de coletâneas de contistas catarinenses iniciada com «Este Mar Catarina» e «Este Humor Catarina». Neste terceiro volume, organizado por Salim Miguel, Silveira de Souza e Flávio José Cardozo, foram publicados contos de quarenta e cinco autores de todas as gerações e tendências, dando uma mostra bem representativa do conto em nosso Estado, tendo como tema central, informa o título, o amor. Estão presentes os nomes bem conhecidos, que já ostentam uma obra considerável, e alguns das gerações mais recentes, embora ninguém possa ser considerado iniciante. Agora, em três volumes compactos, poderá o leitor interessado ter uma visão ampla de nossa contística, de suas variantes e da criatividade de nossos autores. O livro foi ilustrado por Rodrigo de Haro, produzindo um desenho específico para cada conto, conforme o seu tema inspirou o artista. Infelizmente a revisão deixou a desejar, o que é lamentável. Meu conto, por exemplo, além de um «pastel», tem vários erros menores. Dentre as matérias que vi na imprensa a respeito do livro, a mais extensa foi a de Tânia Regina Oliveira Ramos, publicada no «Diário de Cultura». Perdendo-se em aspectos menores, ela não viu, ou não sentiu, o lirismo subjacente em todo o livro. Uma pena.

CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Será realizado em Florianópolis, entre 4 e 7 de setembro, o «Congresso de História e Geografia de Santa Catarina», promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e com a colaboração de outros órgãos. Os temas serão a história e a geografia de nosso Estado, não se admitindo trabalhos alheios a eles. O Congresso acontecerá no Palácio Cruz e Sousa e as inscrições encontram-se abertas. Maiores informações poderão ser solicitadas pelo telefone (048) 221-3502. Seria excelente ocasião para que alguém lembrasse, em palestra, a vida e a obra de Crispim Mira, um dos precursores dos estudos geográficos em Santa Catarina.

CONCURSO SINERGIA, NOVA EDIÇÃO

Foram divulgados os premiados no 2º. Concurso de Contos e Poesias do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis (Sinergia). Concorreram ao todo 733 trabalhos, em prosa e verso, sendo classificados quinze contos e trinta poemas. Estes serão publicados numa antologia, no correr do mês de setembro. Entre os premiados aparecem nomes conhecidos, como os de Oldemar Olsen Jr., Nedi Terezinha Locatelli, Silvério Ribeiro da Costa e Miguel Russowsky, todos autores de obras consi-

deráveis, em meio aos demais premiados, todos iniciantes. A primeira coletânea do Sinergia teve excelente nível editorial. Vamos esperar que esta também tenha.

VARIADAS

«Borboletas no Varal» é o opúsculo de poemas de Dinovaldo Gilioli, editado por Letras Contemporâneas, de Florianópolis. É o segundo trabalho individual do autor e reúne vinte e dois micro-poemas que têm sido sua marca no gênero. *** A Editora da UFSC e o Museu de Arte de Santa Catarina promoveram o lançamento da edição em língua portuguesa do livro «Os Papéis do Coronel», de autoria de Harry Laus. Traduzido do francês por Joca Wolff, o livro mereceu excelente comentário de Claire Cayron, tradutora do escritor na França. *** «Lírico Outono» foi o evento promovido pelo Espaço de Arte Açúcar, reunindo pinturas (óleo sobre tela) de Julieta Brüning, e o livro «Seleções de Textos», do poeta blumenauense Martinho Brüning, ambos conhecidos e consagrados em suas atividades artísticas. *** A praça de eventos do Neumarkt viveu a promoção «Corpoema», entre 16 e 25 de maio, com retrospectiva (1975-1996) e lançamentos de textos/poemas de Lindolf Bell, imagens de Cesar Otacílio, Elke Hering, Lair Leoni Bernardoni e Lygia Roussenq Neves, além de design de Luiz Bernardes. *** A Biblioteca Pública do Estado comemorou festivamente, com cerimônia em sua sede, à rua Tenente Silveira, em Florianópolis, o seu 142º aniversário de fundação, contando com a presença de autoridades e de público. Em quase século e meio de existência, a Biblioteca tem prestado relevantes serviços, conservando um acervo considerável, e foi dirigida, ao longo de sua história, por figuras de realce na vida cultural do Estado. *** Faleceu em Londres, onde participava de um congresso, o escritor, jornalista e professor Sílvio Meira, renomado especialista em Direito Romano. Tradutor de grandes poetas alemães, biógrafo de Teixeira de Freitas e Clóvis Beviláqua, autor de vasta obra de Direito Romano e também romancista, foi grande amigo de Santa Catarina, onde esteve em várias ocasiões, como palestrante e examinador em bancas acadêmicas. Tive o prazer de acompanhá-lo na visita que fez a Blumenau e Pomerode em sua última vinda ao Estado. *** Faleceu também, na noite de 19 de abril, o escritor Aracylido Marques. Médico e romancista, com várias obras publicadas, seu último livro foi «Demônios do Planalto» (Editora Cátedra), onde romanceou a chamada Guerra do Contestado, e que tive o prazer de prefaciá-lo. Seu interesse pelo assunto o ligou a fundo ao nosso Estado, que conhecia muito bem, de pesquisas e de viagens. *** Foi apresentada em Joinville, nos altos do Shopping Müller, a entrevista imaginária com o poeta Pablo Neruda, organizada em computador pelo especialista em sua obra, o chileno Edmundo Olivares. Nela o poeta falava sobre sua vida e obra, exibindo-se documentos, livros, fotos e originais relacionados ao saudoso autor do «Canto General». A apresentação foi ilustrada por fotos de Lair Leoni Bernardoni, repisando mais uma vez a sua monótona técnica. *** Está circulando o volume quatro da Antologia Poética Del'Secchi, organizada por Roberto de Castro Del'Secchi, de Engenheiro Paulo de Fron-

tin, no Rio de Janeiro. Em volume elegante, com excelente aspecto gráfico, publica trabalhos de vários catarinenses. *** E por falar em antologias, a Editora do Escritor, de São Paulo, anuncia que lançará em breve mais um número da coleção «Em Revista» e uma nova coletânea de contos. Vamos esperar que nelas apareçam conterrâneos nossos, que têm estado ausentes nas últimas publicações da Editora.

Cinemas, ontem e hoje

Gervásio Tessaleno Luz

Blumenau, desde 1993, não é mais a mesma. Os cinemas morreram. Dirão : que é isso ? Tem dois novos naquele shopping novo da rua Sete de Setembro. Nada a ver. Morreram de morte mandada os cines Busch I e Busch II.

O prédio em arte-decô era patrimônio histórico da cidade, cartão postal da alameda Rio Branco. Li nos diários que o prefeito Renato Vianna e o vice Vilson de Souza bateram no peito e juraram impedir a demolição do edifício que viraria mais um monstrinho para alimentar a selva de pedra que está virando Blumenau. Pelo jeito, passados três anos, a promessa continua de pé.

Os cinemas Busch, vêm da década de 20, sangue genuíno da cidade. Com eles, surgiu a presença ímpar e insubstituível de seu gerente, por mais de 40 anos, Herbert Holetz. Homem sensível, inteligentíssimo, com uma biblioteca sobre a Sétima Arte de fazer inveja a países do dito Primeiro Mundo. Inda bem que a Cultura Municipal atendeu um sonho do Holetz : um espaço no Arquivo Histórico para guardar, tranquilo, o seu acervo cultural cinematográfico.

Pobre cidade esta. Que vive empolgada com shoppings a mancheias. E deixa o melhor que possui fenecer. Mas a vida é assim. Os filmes «noir» estão em alta.

No sentido negativo, já que o gênero é altamente positivo.

Sexta, 22 de outubro, à noite, a cena era deprimente. Os portacartazes vazios. Frente aos finados cinemas, só a presença sonolenta dos motoristas de táxi, agora postados, com a mudança do trânsito, em frente a um banco que ocupou lugar no prédio dos Correios e Telégrafos, nos tempos passados.

Está bom. A tevê venceu. Antes dela, Blumenau possuía cinemas no centro e bairros.

Eram o Busch, o Blumenau (depois Lojas Americanas, após as cheias de 83), o cine Carlitos 2 (o 1 era em Florianópolis, também já devidamente enterrado) e nos bairros : o Garcia (em frente à rua Antônio Zendron), o Atlas, na Vila Nova, que virou minimercado, e o Mogk, na Itoupava Norte, que se transformou em vídeo locadora.

Gaspar também já teve o seu cine, também Mogk. O local hoje é loja de comércio. Passaram-se 20 anos sem sala de espetáculos. Surgiu o cine Gaspar num centro comercial. Novamente, Herbert Holetz entra em ação como gerente.

E Blumenau, repetindo o teclado, não é mais a mesma. Sem os cinemas Busch.

Reagir é preciso, diriam poetas, até d'além mar, como Fernando Pessoa. Faltam pessoas para reagir. The end.

Um capítulo da história de Rio do Sul

Experiências de um brasileiro neto de alemães

EMILIO ODEBRECHT

ASPECTOS DA DESAPROPRIAÇÃO DO HOSPITAL CRUZEIRO EM 1942

A título de explicação: A origem do Hospital Cruzeiro remonta a uma fundação por doação testamentária feita pelo imigrante evangélico OTTO SCHOE-NICHEN. Ele se fixara cerca de 3 quilômetros acima de Rio do Sul, na direção de Barra do Trombudo, como eremita, no ano de 1897 (Crônica da Paróquia Evangélica de Rio do Sul, pg. 64).

No ano de 1918 caiu seriamente doente, vindo a falecer em 26.07.1918, e sentiu ele próprio a necessidade de um atendimento hospitalar, legando toda a sua propriedade para a construção de um hospital evangélico. A venda de sua propriedade rendeu a apreciável soma de Rs 9:000\$000 (Nove contos de réis). (Crônica pág. 64).

Infelizmente não é mais possível precisar a data de inauguração do Hospital, cuja pedra fundamental foi colocada no dia 7 de setembro de 1922, tendo o professor GEORG SCHUETZ discursado e lido o documento que foi cimentado na pedra fundamental, porque os livros de contabilidade, como também os livros de atas foram apreendidos pela polícia no ano de 1942, na febre da desapropriação e sumiram para sempre.

Este relatório foi feito por mim em 1991, baseado nas anotações que fiz durante a época da campanha de desapropriação e fotocópias de documentos.

ANO DE 1942: Quando nos foram passados os cargos da **Associação Beneficente de Bella Aliança**, ao Senhor Walter Budag de Presidente, a mim de Vice-presidente, a Ralf Baumgarten de gerente e a Felix Odebrecht, Alfredo Ode-

brecht, Otto Ern, João Hoffmann e Samuel Hoffmann de conselheiros, a 27 de junho de 1942, a exigência de doação para a Prefeitura e a ilegalidade dessa doação eram assuntos que já haviam estado na pauta de várias e infrutíferas reuniões de diretoria e de assembléias gerais, sempre com a presença de autoridades da cidade, entre elas o Delegado Regional Loureço Alves de Deus, o Promotor Público Vinicius de Oliveira, o Tenente Domingos de Paula Neves e o Delegado de Saúde, médico Dr. Cominese da Rocha.

Uma guerra de nervos havia sido criada, correndo boatos de que toda a diretoria da Associação seria presa. O jornal **Nova Era**, há semanas, vinha publicando artigos tendenciosos e intimidadores. Assim, no dia 4 de outubro de 1942: **"Quinta coluna pretende fazer negociata com o Hospital Cruzeiro (...) exigindo do Executivo pelo Hospital, que jamais lhe pertenceu, a exagerada quantia de 326:180\$000, (...). O astuto Walter Budag (...) revelou-se em Rio do Sul um autêntico quinta-colunista, violador das leis, (...) indigno portanto do título de cidadão brasileiro"**.

Já em 10 de outubro: **'Desarticulada, em Rio do Sul, uma grande célula nazista. Desde algum tempo as autoridades desconfiavam de que o cura protestante Hermann Stoer costumava, clandestinamente, altas horas da noite, fazer reuniões de caráter tendencioso e nazista numa das salas do Hospital Cruzeiro'**.

Foi nesse clima, que a 12 de outubro de 1942, lá pelas 9 horas da ma-

nhã apareceu o Sr. Ralf Baumgarten em minha farmácia, e com ares de segredo, me falou baixinho: 'O Senhor e o Walter Budag tem que sumir imediatamente, pois nas próximas horas o Juiz de Direito decretará a desapropriação do Hospital Cruzeiro, sendo que neste entretanto o Senhor e Walter Budag serão presos pela polícia para trabalhos forçados na construção da estrada'. A seguir, saiu para avisar também o Walter Budag.

Depois de pensar um pouco sobre a situação, também eu fui procurar o Budag, para me entender com ele. No caminho encontrei com o Ralf Baumgarten que me sussurrou: — "Combine tudo com o Budag". Na ferraria me disseram que o Budag estava em sua casa e iria à cidade. Fui encontrá-lo na cozinha, onde sua esposa muito nervosa, e com lágrimas nos olhos, veio ao meu encontro. Ele estava se preparando para viajar.

Perguntei para onde iria; respondeu-me que iria passar uns dias no morro, onde tinha plantações (Morro do Budag). Desejei-lhe 'boa viagem' e lhe disse que iria até o meu irmão em Taió, de bicicleta.

Voltei à farmácia onde me esperava o Sr. Gabriel dos Santos, para tomar sua injeção diária, que Gabriel dos Santos, sessenta anos, sempre doente, tomava por ordem médica.

Como eu não sabia quanto tempo se arrastaria até a desapropriação, mandei meu empregado Siegfried Baumgarten ao seu irmão Ralf que me trouxera a notícia. Resposta: 6 a 8 dias.

Assim sendo, peguei a bicicleta e fui para casa, tomei um lanche, juntei a roupa necessária, disse à minha esposa que naquele dia iria até a casa de tio Henrique Voigt, em Barra do Trombudo e que no dia seguinte cedo continuaria, de bicicleta, até Taió. Passei o dia em Barra do Trombudo, naturalmente informando meu tio da situação das coisas. À noitinha parecia que ia-se armar uma

trovoada, e eu já temia não poder continuar a viagem de bicicleta e me perguntava se não seria melhor partir já.

No entanto, como minha bicicleta não possuía farol, percorrer os 40 quilômetros à noite teria sido muito penoso. Pelas 8:00 horas da noite, tio Henrique estava ouvindo rádio numa sala e eu me encontrava numa sala ao lado quando ouvimos bater palmas. Em seguida apareceu meu tio, veio até mim, estava muito apreensivo e me disse:

— "A polícia está aí à tua procura. A casa está cercada, estão esperando por você."

Fui com tio Henrique até a porta onde me foi dada voz de prisão. Perguntei se ainda podia buscar meu chapéu, mas gritaram-me:

— O Senhor está preso e tem que obedecer!

Logo após soou um apito rápido e a seguir juntaram-se ao Delegado Regional Lourenço Alves de Deus, o Sargento Mann e João Ferrari. O automóvel deles estava parado a certa distância e foi assim que para mim começou uma viagem com destino ignorado. A meio caminho, de repente um farol ofuscou nosso carro por alguns segundos. Era um pequeno Opel parado à margem da estrada, de faróis baixos acesos. Nosso carro parou bruscamente, e os homens pularam para fora de pistolas em punho e apontadas para o carro parado. Os passageiros foram tirados de dentro do carro e examinados, e em seguida postos em liberdade. A nossa viagem continuou.

Chegando à cadeia pública de Rio do Sul, fui primeiramente obrigado a permanecer na casa de um dos policiais e de lá pude ver pela fresta da porta, minha esposa com nosso pequeno Roberto nos braços e meu idoso pai a seu lado, saindo da prisão. Haviam obtido a liberdade com a minha chegada. Somente então fiquei sabendo que a polícia havia prendido minha esposa Marianne já pela manhã, por não me terem encontrado nem na farmácia nem em casa.

Primeiramente haviam levado só Marianne, mas mais tarde foram obrigados a buscar também o pequeno Roberto de quatro meses e meio, que precisava ser amamentado.

Meu pai, que havia chegado de Blumenau na noite anterior e pernoitado em nossa casa, foi preso na Estação Ferroviária quando esperava o trem para seguir viagem para Barra do Trombudo. Desta forma, meu pai, com 74 anos, cidadão cumpridor de seus deveres, tornou-se um 'bom brasileiro' pois passara um dia na cadeia...

Além de meu pai, minha esposa e a criança, prenderam também meu irmão Alfons e meu ajudante de farmácia Siegfried Baumgarten.

Nos dias em que Alfons passou na cadeia, de 12 a 18 de outubro, ele "festejou" seu aniversário em companhia de presos políticos. Como a polícia não encontrou o Sr. Walter Budag em casa, levou igualmente sua esposa e seu filho mais velho Ralf de 16 anos. Ambos tiveram que passar a noite em pé no corredor da cadeia. Ralf adormeceu em pé e em determinado momento, dominado pelo cansaço, caiu estendido no chão, pelo que ameaçaram levá-lo pro morro e dar-lhe uma surra com galhos de urtiga (do tipo gigante que crescia lá). O Delegado de Polícia vociferava como um louco e organizou uma verdadeira razia durante a noite, atrás do Sr. Budag. Mais tarde o sargento Mann me contou que "naquela noite ninguém dormiu".

Quando Marianne e Papai se haviam distanciado, fui levado à prisão, para a mesma cela onde meus familiares haviam passado o dia. Foi-me dito que eu estava incomunicável. Uma hora depois começou o interrogatório. Queriam saber onde eu deixara a comunicação escrita, que eu por certo havia recebido. Concordei que recebera uma comunicação, mas que não revelaria o nome da pessoa que a havia feito. Disseram-me que me cuidasse, pois poderia ser man-

dato junto com outros 'alemães' para o trabalho forçado de construção de estrada. Novamente perguntado sobre o nome de quem me dera o aviso, eu disse que a pessoa com certeza se apresentaria. O interrogatório foi até às 23:00 horas. Depois de mim foram interrogados meu irmão Alfons, Siegfried Baumgarten e Ralf Baumgarten, também presos. O interrogatório estendeu-se até depois da meia-noite. De vez em quando ouvia-se o carro da polícia indo e vindo. A procura por Walter Budag prosseguiu até às 4:00 horas da manhã.

Fui encarcerado na mesma cela com ladrões e criminosos. O segundo interrogatório que me fizeram foi levado a protocolo, o que não aconteceu com o primeiro. Eu estava incomunicável, não sabia quem mais tinha sido preso, nem a quantas andava minha farmácia, já que meu auxiliar Friedel (Siegfried) também havia sido preso.

Mais tarde vim a saber que minha casa e minha farmácia já estavam sendo vigiadas há semanas, pois o industrial Sr. Alfredo João Kriek também fora interrogado. Queriam saber porque tanto vinha à minha farmácia e ao meu escritório. O Sr. Kriek proprietário de torrefação de café, costumava vir orientar-se sobre os preços do café através do jornal 'O Estado de São Paulo', do qual eu mantinha assinatura.

Perguntado como eu justificava minha repentina viagem a Barra do Trombudo, citei o artigo que saíra um dia antes no jornal 'Nova Era', no qual eu fora chamado de traidor da Pátria e de 'Quinta Coluna'.

Esse artigo não era assinado, mas que eu sabia ser de autoria do Promotor Público Vinicius de Oliveira; e que essa acusação só poderia estar relacionada com a desapropriação do Hospital, que estava sendo imposta, isto é, exigia-se que a Associação Hospitalar fizesse a doação do mesmo.

Disse também que a doação do Hospital nunca poderia ser feita pela Di-

retoria, pois pelos estatutos, só uma Assembleia Extraordinária da Associação tinha competência para fazê-lo e a resolução teria que ser aprovada por dois terços dos membros. E disse mais, que o Delegado de Polícia só nos permitia uma Reunião de Diretoria e por ele mesmo convocada. Além do mais, se a Diretoria concordasse com a doação, poderia futuramente ser chamada à responsabilidade, inclusive judicialmente.

Ao todo só me foram feitas oito perguntas e com elas esgotara-se o assunto a tratar. Também este interrogatório não foi feito pelo Delegado de Polícia, mas pelo Sargento Mann e por um 'secreta'. Depois da última pergunta os dois se entreolharam indecisos, não sabendo como prosseguir, me perguntaram finalmente se eu tinha algo a dizer. Diante da minha negativa foi encerrado o interrogatório e tive que assiná-lo.

Depois disso, pude me reunir com os outros presos políticos e também conversar com eles.

Somente no dia 14 de outubro, perto das 21 horas veio Walter Budag. Ficava sabendo da prisão da esposa e de seu filho e então viera a pé de Presidente Getúlio, passando pela Serra do Mirador até Rio do Sul. Só então seus familiares foram postos em liberdade, depois de terem estado três noites e dois dias na prisão. Também Walter Budag permaneceu dois dias incomunicável. Na manhã do terceiro dia apareceu então o Delegado Regional Lourenço Alves de Deus, conversou por 15 minutos com ele, e em seguida pode reunir-se aos demais presos políticos, sem ser submetido e nenhum interrogatório.

Virando-se para mim, disse o Delegado:

— O Senhor será levado amanhã cedo para Florianópolis junto com Budag; inicialmente só o Senhor seria levado, juntamente com o Ralf Baumgarten, caso o Budag não aparecesse.

Esse comentário era uma repetição

do que me dissera dois dias antes e fazia parte de uma guerra de nervos, coação e intimidação.

De acordo com essa declaração do Delegado, mandei dizer à minha esposa que arrumasse minha roupa. À noitinha veio então Marianne e eu me despedi dela por tempo indeterminado. Uma transferência para a prisão em Florianópolis significaria uma ausência de meses ou de eventualmente até o fim da guerra na Europa. O advogado por nós contratado para defender os interesses da Associação Hospitalar, Dr. Francisco Gottardi, não apareceu.

No dia seguinte cedo, Walter Budag e eu esperamos em vão nossa deportação para Florianópolis; tratava-se, como anteriormente, só de amedrontamento. Só na terça-feira, a 15 de outubro, por ocasião da Posse Provisória do Hospital pelo Procurador do Estado, Promotor Público local Vinicius de Oliveira, é que avistamos o Dr. Gottardi.

Depois de alguns dias um Polícia Secreta veio me buscar para assinar o Ato de Posse do Hospital pelo Estado, com o qual eu teria concordado na ausência de Walter Budag... Na frente da Delegacia estava o Dr. Francisco Gottardi; veio ao nosso encontro e repetiu o que o Polícia Secreta já me havia explicado.

Também o Dr. Vinicius de Oliveira veio então até o carro e me cumprimentou com mal disfarçada cordialidade e repetiu as declarações do Dr. Gottardi, não conseguindo me olhar nos olhos, enquanto falava, olhava para o chão; continuando a falar, disse então, meio se desculpando:

— Sua prisão não tem nada a ver com o Hospital, mas foi solicitada pelo Delegado Regional por outros motivos.

Enquanto falava isso, me olhou por um instante, mas logo baixou os olhos de novo. Ele sabia muito bem que eu estava informado de sua atividade, com diversos artigos difamatórios publicados no jornal 'Nova Era', em pról da desapropriação do Hospital. Depois de um

breve espaço de tempo, veio o carro solicitado. Eu sentei na frente com o Polícia Secreta, enquanto no banco traseiro iam os dois advogados inimigos, não só por razões profissionais mas também por razões políticas. A corrida transcorreu em silêncio até o Hospital, onde já nos esperava o Juiz de Direito com seu Escrivão e o médico Dr. Cominese da Rocha. O Juiz de Direito, Dr. Adão Bernardes, me cumprimentou muito cordialmente, o mesmo fizeram os outros presentes, sem que no entanto, alguém me estendessem a mão.

O Juiz de Direito ditou ao Escrivão um decreto Estadual de 31 de agosto de 1942, pelo qual o Hospital, por motivos de **Segurança de Estado**, estava sendo adquirido pelo Estado com todo seu aparelhamento e acessórios. Quando o protocolo da imissão de Posse Provisória foi concluído, o Escrivão leu-o em voz alta e passou-o às mãos dos presentes para ser assinado. Em seguida foi feita uma vistoria do Hospital. A vistoria dos fundos do Hospital não foi possível ser feita porque o cão policial de guarda não o permitiu, pois ele não conhecia os novos donos...

Após, o Juiz de Direito deixou o Hospital, acompanhado do promotor e do Dr. Rocha. Eu fui levado de volta ao "Campo de Concentração dos Prisioneiros Políticos" como era conhecido na época.

Abro um parêntese no desenrolar dos acontecimentos para relembrar que além de nós já citados, estavam os seguintes presos políticos na prisão, e todos tiveram que fazer trabalhos forçados com picareta e enxadão e carregando terra, trabalhando no desmonte do morro situado onde hoje se encontra a Catedral católica. São os seguintes:

João Bernardo Buske; Erwin Zeibig; Gerhardt Schmidt; Hermann Silke; João Antonio Broch (este representante do Consulado Italiano); August Hochapfel;? Doliva e o teuto-brasileiro Tharun, este último denunciado por ter cantado uns "lieder" alemães. Mais tar-

de o denunciante confessou que ele mesmo não tinha ouvido as canções, apenas fora informado por terceiros. O denunciante "curou-se" quando ele mesmo também foi parar no xilindró. Lá chegando, confessou que, influenciado pelos jornais e pelo rádio, achara que precisava fazer pelo menos algumas denúncias para passar por bom brasileiro e patriota...

Volto a relatar os fatos relativos à doação do Hospital:

A uma pergunta minha diretamente ao Delegado local, Algemiro dos Santos, de qual o motivo verdadeiro de minha detenção, pois a minha ida de bicicleta até Barra do Trombudo — a 6 km de distância — não poderia ser o verdadeiro motivo, disse-me muito sincero e franco, que tudo havia sido por causa da desapropriação do Hospital.

— O senhor já o devia ter entregue há muito tempo. Eu quero dar-lhe novamente o conselho de não continuar se rebelando contra a doação do Hospital, pois nós estamos em guerra, não estamos em uma época normal e assim é melhor o senhor entregá-lo.

Eu chamei a atenção dele para o fato de os Estatutos serem bem claros quanto a exigência da presença de 2/3 dos membros da Associação para deliberarem sobre a Dissolução, Doação ou Venda do Hospital, resolução essa que só poderia ser tomada em Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para esse fim.

No entanto o Delegado Regional não nos dera licença para uma Assembléia dessas, apenas para uma Reunião de Diretoria. O que se exigira da Diretoria, era pois, um absurdo. Mais tarde os outros membros da Associação poderiam nos chamar à responsabilidade, inclusive judicialmente.

O Sargento Mann também me confirmou que tudo o que acontecera estava relacionado com a desapropriação do Hospital, que já se arrastava por vários

meses. Mas disse também que as prisões todas só haviam acontecido por causa do nervosismo do Delegado Regional. Disse mais, que esse último ficara pulando de um lado para o outro feito um doido e enlouquecera os outros.

Ele mesmo fora mandado numa só noite por três vezes ao Morro do Budag, procurar o Sr. Budag e tinha ido dormir só às 4:00 horas da madrugada.

Sábado, dia 17 de outubro, veio Ralf Baumgarten com uma "Proposta de Doação" dirigida ao Interventor do Estado que foi então assinada por Walter Budag e por mim. Após isso, Ralf Baumgarten foi de casa em casa dos outros membros da Associação Hospitalar, para colher a assinatura de todos, o que não foi fácil, pois vários não quiseram assinar a doação. Às 4:00 horas da tarde Ralf voltou com todas as assinaturas. Mas nós não mais fomos libertados naquele sábado, conforme havia sido prometido, porque o expediente já havia encerrado. Tivemos pois que passar mais um fim de semana na cadeia, sem poder tomar banho ou trocar de roupas.

22 de outubro de 1942: Hoje é o dia da doação oficial do Hospital à Prefeitura. Depois de no sábado ter sido feita a doação ao Estado, o Prefeito conseguiu que o "Estado fizesse uma desistência em favor do Município". Naturalmente uma jogada de cartas marcadas.

No dia 21 dirigiram-se Dr. Gottardi, Curt Schroeder, Walter Budag e eu, com o carro da Prefeitura, à casa de todos os membros da Associação Hospitalar, que moravam espalhados, longe uns dos outros, para convidá-los para a Assembléia Geral Extraordinária a se realizar a 23 de outubro.

Já eram 19:00 horas, quando termináramos de avisar os últimos membros. Pontualmente então compareceram todos os associados. Também o Procurador Geral do Estado, Dr. Pereira Bastos havia comparecido.

Lá pelas 10:00 horas a reunião foi aberta pelo Sr. Walter Budag e a pala-

vra foi dada ao Dr. Gottardi, que explicou aos membros da Associação o real motivo da Assembléia Geral Extraordinária, e salientou o motivo da "altruística doação do Hospital e do Patrimônio total da Associação ao Estado, resolução esta nascida apenas de uma profunda compreensão e de toda confiança do povo em seu governo e unicamente com o pensamento voltado para a cooperação com o Governo do Estado na sua tarefa, nem sempre fácil, de governar".

Em seguida ele apontou para fato de que, como o patrimônio total da Associação não mais existia, também não existia mais a razão de ser da Associação e pediu então que um dos membros solicitasse a dissolução da mesma, já que ele próprio não tinha autoridade para isto. Assim sendo, o Sr. Curt Schroeder fez o pedido da dissolução aos membros reunidos, o qual foi unanimemente aceito.

O Dr. Gottardi salientou então a especial satisfação com que o Interventor Dr. Nereu Ramos aceitara a Proposta de Doação feita pela Associação Hospitalar e que Sua Excelência com especial simpatia e afeição sabia valorizar também este gesto de compreensão do povo riosulense.

O Sr. Curt Schroeder teve ainda que fazer um segundo pedido aos associados, de que o dinheiro em Caixa, cerca de R\$ 40:000\$000 (quarenta contos de réis), fosse igualmente doado para que pudesse ser usado nos melhoramentos e na ampliação do Hospital, o que foi unanimemente aceito. Depois de resolvida a Transmissão de Posse para a Prefeitura e encerrada a reunião, foi o "feliz" resultado da Assembléia Geral Extraordinária comunicado ao Prefeito Nomeado. O Prefeito Nomeado, Sr. Roberto Machado, apareceu logo após como por acaso e apresentou aos membros da Associação o seu agradecimento pessoal e também a gratidão do povo riosulense pela confiança depositada na sua administração.

O gesto que agora fizéramos, disse ele, bem fazia juz à característica maneira de ser dos riosulenses que ele tão bem chegara a conhecer e a valorizar nos múltiplos anos de sua gestão administrativa; e que essa faceta do caráter dos riosulenses já se fizera conhecida para além das fronteiras do município. Ele se congratulou com os membros da Associação pela extremamente feliz solução desse caso, que certamente correspondia ao desejo de todos os presentes como também do povo de Rio do Sul. Como Prefeito ele se esforçaria para administrar o bem imóvel que lhe fora confiado e se propunha a melhorá-lo e ampliá-lo dentro das possibilidades. Sob palmas de aplausos foi encerrada a reunião e os membros da sociedade se dispersaram.

Todos os discursos haviam girado em torno de uma idéia central :

O PATRIOTISMO E A GRANDE CONFIANÇA DO POVO NO SEU GOVERNO!!

Mas haviam esquecido de mencionar que para isto os membros da Diretoria da Associação Hospitalar tiveram até suas esposas e filhos encarcerados, inclusive meu velho pai...

Encerrava-se assim melancolicamente um capítulo da história de Rio do Sul e das experiências de cidadãos brasileiros filhos e netos de alemães no Brasil.

Para os pesquisadores de nossa história e para os leitores mais interessados, relato ainda em pormenores os acontecimentos primeiros que antecederam a prisão dos membros da Diretoria da Associação Hospitalar e a desapropriação do Hospital :

A idéia da doação do Hospital nasceu da cabeça do presidente da Diretoria anterior, Sr. José Humor, alemão nascido na Hungria, brasileiro naturalizado e que ocupava na Prefeitura o cargo de engenheiro agrimensor.

Depois de ter passado para o Pre-

feito a idéia da doação, demitiu-se da Presidência da Associação, com a alegação de que a mesma deveria, agora, em tempos de guerra ser administrada por brasileiros natos (todos membros da Associação eram brasileiros natos). Certamente ele quis, com sua atitude, colocar-se em situação lisonjeira junto ao Prefeito, já que naquela época, quase todos os estrangeiros eram demitidos de seus cargos. Depois disso, solicitado pelo Prefeito, convocou uma reunião de Diretoria e na mesma, não levando em consideração os Estatutos da Associação foi votada a doação, sendo a administração do Hospital imediatamente entregue à Prefeitura.

Somente alguns dias mais tarde, quando se descobriu a invalidade dessa doação, apressaram-se em voltar atrás tornando tudo sem efeito, devolvendo-se a administração aos legítimos donos.

José Humor tinha reconhecido a necessidade de uma Assembléia Geral Extraordinária e convocou-a.

Já dias antes da Assembléia começaram a circular boatos de que a polícia e outras autoridades estariam presentes à Assembléia. Amedrontados com esses boatos muitos dos associados não compareceram, apesar de todo o esforço do muito ativo membro Walter Budag, o qual se sacrificara percorrendo muitos quilômetros de bicicleta até a casa de cada um, persuadindo-os a comparecer. Apesar de todos os esforços compareceram só 26 membros.

Walter Budag queria já, uma solução clara para o assunto. Com 26 associados presentes, a Assembléia não tinha poder de resolução. A Associação tinha 42 membros; para alcançar a maioria de 2/3, teriam que ser 28 membros. Foi feita a proposta pelo presidente José Humor de mudar os estatutos. No entanto, para mudar os estatutos também seria necessária uma maioria de 2/3. Houve muita discussão em torno da possibilidade de uma maneira ou de outra fazer com que a Assembléia tivesse po-

der de resolução. Todas as propostas iam por terra diante da maioria de 2/3. Percebia-se nas fisionomias dos presentes a alegria mal disfarçada pelo malogro da idéia do Sr. Humor.

Eu, pessoalmente, nunca tinha posto os olhos nos estatutos e estava surpreso mas também satisfeito por não ter-se conseguido concretizar o intento.

Estavam presentes à Assembléia além dos 26 associados, o Delegado Regional Dr. Lonrenço Alves de Deus, o Prefeito Nomeado Roberto Machado, o Promotor Dr. Vinicius de Oliveira e o Delegado de Higiene Dr. Cominese da Rocha. Depois de continuada a discussão chegou-se à "feliz" idéia de riscar da lista todos os Associados que não estavam em dia com suas contribuições.

Lendo, porém, os estatutos, descobriu-se que eram bastante incompletos quanto a este aspecto. Eles impunham aos associados uma contribuição anual, no entanto não falavam de uma exclusão na falta de pagamento da mesma. Punição só estava prevista, caso o membro pecasse contra a Ordem Interna da Associação ou se tentasse prejudicar a mesma visivelmente.

Proseguindo, o Presidente José Humor fez a sugestão de até a próxima Assembléia, que aconteceria dali a 14 dias, cobrar as contribuições anuais e os que se negassem a pagar seriam riscados da Lista de Sócios. Assim ele pretendia reduzir o número de sócios ao mínimo. Essa sugestão continuou a ser discutida e rediscutida e apontou-se para o fato de que nos estatutos não se falava de exclusão de associado por causa da falta de pagamento.

O Presidente José Humor tentou ainda continuar a defender sua idéia de exclusão de membros da lista de sócios, mas foi obrigado a desistir.

Então foi decidido mandar passar uma lista a todos os associados, na qual assinariam sua disistência da sociedade, caso não tivessem a intenção de comparecer à Assembléia. Foi assim que se

conseguiu que 6 sócios desistissem de sê-lo, numa declaração escrita. A próxima Assembléia foi convocada para dali a 3 semanas.

A essa reunião compareceram então somente 16 membros, que logo foi encerrada por falta de quorum. Reconheceu-se que seria inútil convocar uma terceira Assembléia. Assim terminava o primeiro episódio e o assunto da doação do Hospital aparentemente parecia ter esmoecido.

Algumas semanas depois o Dr. Cominese da Rocha foi mandado pelo Prefeito a Florianópolis para fazer um relatório sobre o Dr. Neumann.

O Dr. Neumann era o então Médico Chefe do Hospital e já há tempo estavam-lhe criando dificuldades. O Dr. Neumann tinha na época cerca de 60 anos de idade, era austríaco, não era alemão.

O Dr. Rocha permaneceu quase 14 dias em Florianópolis, esperando por uma audiência com o Interventor Dr. Nereu Ramos. Ele desperdiçava lá seu precioso tempo, tinha grandes despesas e sentia-se atingido no seu ponto mais delicado. Fervendo de raiva, voltou ele depois de 2 semanas e por ora estava farto do assunto. Até agora o caso do Hospital pelo qual ele tinha se empenhado com entusiasmo só lhe havia trazido dissabores, perda de tempo e dinheiro. No entanto, ele tinha conseguido ser investido como Interventor do Hospital e agora tinha que se desincumbir de sua obrigação.

Assim, ele logo fez saber que o Dr. Nereu Ramos era a favor da permanência da Associação e que ele até salientara, que uma Associação dessa natureza é necessária e totalmente do interesse do Governo. Mas que era necessário e desejável aumentar o número de associados, pois de acordo com os estatutos, era uma instituição do povo e para o povo.

Para melhor manter o Hospital era preciso, achava ele, o ingresso de um

maior número de associados, com isso entraria maior soma de dinheiro que poderia ser utilizada na aquisição de instrumentos, por exemplo, um aparelho de Raio-X (o aparelho de Raio-X existente era propriedade do Dr. Neumann). Com isso seria preenchida uma grande lacuna.

O período de gestão da então Diretoria havia expirado em janeiro, portanto já há cinco meses. Pelo Presidente José Humor foi convocada então uma Assembléia para o dia 27 de junho com a anuência da autoridade policial, para a eleição da nova Diretoria.

A essa Assembléia, à qual só compareceram 10 membros, também estava presente o Dr. Rocha.

Para a nova Diretoria a ser eleita foram propostos os seguintes nomes:

WALTER BUDAG para Presidente;

EMILIO ODEBRECHT para Vice-Presidente — este último chamou a atenção para o fato de já no ano anterior ter declinado da indicação, pois como farmacêutico, tinha interesses comerciais no Hospital, o que não seria adequado. Como ninguém se prontificara a assumir o cargo, Emilio Odebrecht finalmente se declarou disposto a aceitá-lo.

Para os demais cargos foram indicados os seguintes nomes:

RALF BAUMGARTEN para Gerente, e como Conselheiros os seguintes membros:

FELIX ODEBRECHT

OTTO ERN

JOÃO HOFFMANN

SAMUEL HOFFMANN

ALFREDO ODEBRECHT

Os nomes indicados foram aceitos e unanimamente eleitos. Da Diretoria anterior só havia comparecido o Presidente José Humor. Após a eleição, José Humor declarou encerrada a Assembléia e deixou a sala sem se despedir. Não te-

ve lugar um aumento do número de associados; e terminava assim o primeiro round de uma batalha renhida. Todos os associados eram, com excessão do Sr. José Humor, brasileiros natos.

Todos os livros do Hospital (atas, contabilidade, etc.) haviam sido apreendidos e retidos pela Polícia. Em setembro, não me lembro da data exata, o Delegado de Polícia convocou uma reunião da Diretoria. Compareceram as seguintes pessoas: Walter Budag, Emilio Odebrecht, Ralf Baumgarten, Otto Ern, João Hoffmann e Samuel Hoffmann.

Nós não estávamos informados do motivo da reunião, mas imaginávamos que se tratava novamente da doação do Hospital. Nós todos estávamos de acordo de que uma doação do Hospital para a Prefeitura não entrava em cogitação. Ralf Baumgarten propôs então que Walter Budag e Emilio Odebrecht viajassem a Florianópolis e em audiência com o Interventor Dr. Nereu Ramos esclarecessem a posição da Diretoria da Associação e eventualmente propusessem a doação ao Estado.

Com atraso de quase uma hora, apareceram então as autoridades: Dr. Lourenço Alves de Deus, Delegado de Polícia; Dr. Cominense da Rocha como Interventor do Hospital; o Prefeito Roberto Machado e o Tenente Domingos de Paula Neves.

Quando todos haviam tomado lugar à mesa, o Delegado de Polícia passou o livro do Protocolo ao Sr. Budag e ordenou-lhe que abrisse a sessão. Eu, Emilio Odebrecht seria o secretário.

O Sr. Budag, diante disso, entregou-me o livro e eu comecei imediatamente a escrever o preâmbulo, enquanto o Delegado dizia de que esta Reunião de Diretoria acontecia para finalmente esclarecer que só a Diretoria era contra a doação do Hospital, e deveria ser protocolado nominalmente quem era a favor e quem era contra.

Em seguida, ordenou-me que lesse o que tinha escrito até aí. Quando eu li

que a Reunião da Diretoria havia sido convocada por ele, Delegado de Polícia, ele protestou veementemente e disse que isso não era verdade. Perguntei ao Presidente, Sr. Budag, se ele havia convocado a Reunião, ele disse que não. O Delegado continuou protestando e me ordenou acrescentar: "Digo" que a Reunião foi convocada pelo Presidente. Mas com isso, eu havia documentado e deixado claro que a Reunião havia sido convocada pela Polícia.

O Sr. Walter Budag foi o primeiro a ser perguntado:

— O Sr. é contra ou a favor da doação do Hospital à Prefeitura?

Ao que o Presidente Walter Budag respondeu:

— Se tiver que ser feita uma doação, sou a favor de que seja feita ao Estado, pois o Estado tem maiores possibilidades de ampliar o Hospital.

Eu fui o próximo; e disse que, como membro da Diretoria eu havia tomado a mim o dever de defender a Associação e seu Patrimônio, e que portanto, era contra qualquer tipo de doação.

Havia entre todos os presentes um clima de nervosismo e tensão, principal-

mente o Delegado ficara extremamente irritado depois da leitura do preâmbulo da Ata.

O próximo a ser perguntado foi Ralf Baumgarten. Ele virou e mexeu, tentou achar uma saída, mas disse finalmente que era a favor de uma doação.

Otto Ern declarou ser, igualmente, a favor de uma doação.

Eu pensei comigo mesmo: — agora só faltava que os dois Hoffmann também tombassem ante toda a pressão, então ficaria provado que só Walter Budag e eu éramos opositores.

O próximo a ser inquirido foi João Hoffmann, que declarou:

— Eu é contra!!

Também Samuel Hoffmann declarou-se contra a doação. João e Samuel Hoffmann, dois colonos agricultores, tinham aguentado a pressão e ficado firmes, não se deixando intimidar nem pelo Delegado de Polícia. Eram dois homens de palavra com os quais se podia contar.

Depois do encerramento da reunião, o Delegado tomou novamente a si o livro de Atas e nunca mais nenhum de nós viu o livro.

ACONTECEU...

ABRIL DE 1996

— DIA 1º. — É destaque na imprensa o registro da passagem de 10 anos de belas performances obtidas pelos atletas que integram a Associação de Corredores de Blumenau (CORBLU).

— DIA 02 — Estatísticas publicadas afirmam que a Campanha de Vacinação em Blumenau e região do Vale, contra a meningite meningocócica do tipo C, superou a expectativa, tendo sido vacinadas 136.684 crianças. *** A imprensa destaca e lamenta a perda de Celso Ramos, ex-governador do Estado, sepultado neste dia, com muitas e merecidas homenagens e grande acompanhamento, às 17 horas, no cemitério de Itacorumbi, Florianópolis.

— DIA 03 — Também é destaque na imprensa o sucesso registrado nas apresentações de Pedro Dantas e suas bailarinas, na praça central do Shopping Neumarkt. *** No Espaço de Artes do Banco do Brasil, agência do bairro Garcia, registrou-se mais um sucesso da exposição do artista plástico Élio Hahnemann. *** Um temporal de uma hora de duração, com chuvas torrenciais, causou alguns acidentes nos bairros da região norte de Blumenau, deixando a maior parte da cidade sem energia

elétrica durante várias horas, além de estragos em várias residências na região norte. *** A atleta blumenauense Ana Moser conseguiu garantir-se para ir às Olimpíadas de Atlanta, com sua rápida recuperação de cirurgia que havia se submetido. *** Foi aprovado pela Câmara de Vereadores o projeto para a construção de uma mini-cervejaria na Praça do Biergarten, ou Praça Hercílio Luz.

— DIA —07 — É grande destaque a comemoração dos 15 anos de fundação do Clube Atlético Itoupava, um clube muito aplaudido naquele bairro, vice-campeão de futebol amador da Liga Blumenauense de Futebol. *** O Município de Brusque comemorou festivamente, com vasto programa, a passagem dos 133 anos de emancipação político-administrativa.

— DIA 09 — A imprensa destaca a conquista dos ciclistas da Fundação Municipal de Desportos de Blumenau, do título de campeões (equipe) do circuito das 500 milhas (800 km), no norte do Uruguai, no último fim de semana (02/04). *** O Centro de Tradições Gaúchas (CTG) "Fogo de Chão", promoveu o lançamento e abertura da 14ª. Festa do Cavallo.

— DIA 11 — Faleceu o patriarca da alegria nos desfiles da Oktoberfest, o popularíssimo e benquisto Werner Garni, o "Ôpa Garni", como era mais conhecido. Seu coração parou aos 90 anos, de batidas firmes e bem cadenciadas, de acordo com a alegria e o ritmo festivo que sempre imprimiu em sua proveitosa vida. Adeus, caro amigo Werner.

— DIA 12 — Na Livraria Martin Luther, de Itoupava Central, a talentosa escritora Ana Maria Kovacs lançou, com sucesso de presenças, seu maravilhoso livro "O Canto das Sereias". *** Jovens artistas indaialenses abriram exposição na Sede da Fundação Indaialense de Cultura.

— DIA 15 — O município de Rio do Sul comemorou 65 anos de sua implantação. *** Começaram os trabalhos de desobstrução dos entulhos nas barragens do Alto Vale, buscando-se com isso melhorar as condições de contenção das águas em épocas de cheias.

— DIA 17 — Dalirio Beber, Secretário de Finanças da Prefeitura, foi lançado candidato ao cargo de Prefeito de Blumenau para as próximas eleições.

— DIA 19 — Na pista do Paraíso dos Poneis, em Gaspar, realizou-se, com grande presença de público, o 11º. Festival Nacional de Aeromodelismo. *** Às 20 horas, no Teatro Carlos Gomes, apresentou-se, com total sucesso e muitos aplausos, o pianista Daniel Binoto, executando peças de Tchaikowsky e Schubert. *** No Bistrô 69, do Shopping Center Neumarkt, foi lançado, em maravilhoso show de Eulina Silveira e Osmar Fernandes, o CD "Na Onda da Terceira Idade", com composições de João Manuel. Foi um sucesso absoluto.

— DIA 20 — Alcançou pleno sucesso a terceira edição do Palco da Cidade, promoção da Fundação Cultural de Blumenau, cuja atração principal foi uma ginkana entre escolares.

— DIA 22 — Começou em Blumenau um fórum de debates para avaliar o projeto JICA (Japan International Corporation Agency), que visa garantir segurança à população do Vale do Itajaí, por ocasião das cheias do rio Itajaí-açu e seus afluentes.

— DIA 24 — O bairro Garcia passou a contar com substancial reforço no transporte coletivo: entrou em atividade a linha 13 expressa, que proporcionou mais rapidez no transporte naquele bairro.

— DIA 25 — A conceituada e competente professora de música Noemi Kellermann, foi, com justiça, homenageada com um concerto musical por alunos da Escola de Música no Teatro Carlos Gomes. *** Na PROEB, foi aberta a primeira etapa do Campeonato Regional de Ornitologia, do qual participaram cerca de 500 pássaros.

— DIA 26 — No Teatro Carlos Gomes estreou a peça "A Comédia dos Amantes", com José de Abreu e Ana Beatriz Wilt.

— DIA 27 — No Bistrô 69, do Shopping Neumarkt, às 19 horas, aconteceu um esplêndido show de Música Popular Brasileira e músicas internacionais, com o cantor Arthur de Carvalho.

— DIA 29 — No auditório da Fundação Cultural de Blumenau foi apresentado vídeo e debates sobre Ray Charles.

MAIO DE 1996

— DIA 1º. — No Clube de Caça e Tiro Velha Central foi aberta a temporada da Festa de Tiro, Bocha e Bolão de 1996.

— DIA 02 — Na Casa São Simeão houve festa entre os idosos, pela posse como diretora da mesma, da professora Iodete Correia de Amorim. *** No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se com o show "Noite de Boleros", o consagrado cantor espanhol Manolo Otero, com sucesso total.

— DIA 03 — O Jornal de Santa Catarina destaca a eleição para diretor-presidente da Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos, do empresário Carlos Henrique Schmidt. Seu pai, Lothar, até então exercendo aquelas funções, assumiu a presidência do Conselho de Administração da citada e conceituada empresa.

— DIA 06 — Em Rodeio, o Centro Trentino fez lançamento da oitava festa La Sagra para acontecer entre os dias 13 e 22 de setembro. *** No palco do Teatro Carlos Gomes, aconteceu noite de gala, com o maravilhoso espetáculo musical proporcionado pelos músicos Renato Borgheti e sua gaíta, o violonista Paulinho Nogueira e o saxofonista Nivaldo Ornelas.

— DIA 07 — Numa ação conjunta, policiais de Blumenau e de Navegantes conseguiram resgatar uma adolescente — J.L.I. — de 15 anos, que havia sido sequestrada.

— DIA 08 — Estatística divulgada, garante que, após a obrigatoriedade de uso do cinto de segurança em Blumenau, os acidentes com morte, foram reduzidos em 20%. *** No Espaço Cultural "Maria Pellizzetti", em Rio do Sul, foi aberta exposição de pintura da artista blumenauense Rose Darius.

— DIA 09 — Na Fundação Cultural de Blumenau, foi aberta a exposição de telas dos artistas itajaienses Lindinalva Deóla, Marilina Bernardo e Oara de Jesus. *** Em bela reportagem à página 3B, o Jornal de Santa Catarina destaca o aproveitamento de jovens excepcionais da APAE, como bons profissionais, num belo trabalho do Programa Social de Trabalho Educativo da Secretaria da Criança e do Adolescente (SECRAD) de Blumenau. *** Numa reunião com a imprensa, o até então Secretário de Finanças da Prefeitura, Dalirio Beber (PSDB), oficializou sua desincompatibilização da Secretaria de Finanças, e deu impulso à sua candidatura com vistas às próximas eleições para a Prefeitura de Blumenau.

— DIA 10 — No Centro Cultural 25 de Julho, aconteceu a apresentação do Coral Misto, Coral Masculino, Grupo de Gaitas de Boca, Grupo Instrumental de Alunos e Grupo de Técnica Vocal, tudo como conteúdo do programa elaborado para homenagear o Dia das Mães.

— DIA 11 — Para comemorar seu 11º. aniversário de fundação, o Clube dos Jipeiros de Blumenau reuniu-se com seus associados no 2º. Encontro de Jipeiros do Vale do Itajaí, na sede à rua John Kennedy. *** No Hotel Himmelblau, aconteceu um show com a cantora Juliana Luisa e Los Amigos de La Luna, para promover o lançamento de um CD do grupo.

— DIA 14 — No saguão da Biblioteca da FURB, foi aberta exposição dos 10 anos da Associação de Artistas Plásticos. *** A Associação Blumenauense dos Deficientes Físicos (ABLUDEF), iniciou a construção de sua sede própria no bairro Garcia, à rua Berta Odebrecht.

— DIA 17 — Começa a ser alarmante a estiagem em todo o Estado. No Vale do Itajaí, o rio Itajaí-açú, segundo informações oficiais, o nível está, nesta data, com 1,57 cm abaixo do nível normal. *** Foram iniciados festejos para comemorar a passagem dos cem anos de fundação da Igreja Adventista de Gaspar (19.05.1896).

— DIA 19 — Segundo informações prestadas à imprensa pela Polícia Militar, nas últimas 24 horas foram roubados em Blumenau cinco carros.

— DIA 21 — No saguão do Bloco A, da FURB, foi aberta exposição de tapeçaria de Renate Ristow e lançamento dos livros de: José Endoença Martins, Horácio Braun Jr. e Mauro Galvão, uma concorrida noite de festa e cultura.

— DIA 22 — Estatística publicada mostra a queda de produção de leite no Alto Vale do Itajaí, em consequência da prolongada estiagem. *** Na Fundação Cultural de Blumenau foi aberta exposição de tapeçaria e pintura de arte plástica de Henrique Schurcman.

— DIA 25 — No Teatro Carlos Gomes, foi levada à cena pela Família Adam, a peça "Corra que a Noiva Vem Aí", de Gesner Amaral.

— DIA 28 — No saguão da Biblioteca da FURB, foi aberta exposição de obras do artista blumenauense Rubens Oestroen.

— DIA 29 — Começou em Blumenau a 2ª. Exposição de Turismo e Hotelaria e a 1ª. Feira Brasileira de Turismo — local — PROEB.

— DIA 30 — A ponte dos arcos, ligando a rua República Argentina à rua Itajaí (antiga ponte ferroviária), após passar por uma grande reforma, foi reaberta. A ponte havia sido interdita ao tráfego em 23 de janeiro de 1995.

— DIA 31 — A imprensa divulga com destaque merecido, o renascimento da vida da flora no topo do morro Spitzkopff, cuja floresta foi assolada por violento incêndio ocorrido há um ano.

REGISTROS DE TOMBO DE BRUSQUE (V)

Pe. Antônio Francisco Bohn

24. Circular nº. 20 sobre o 1º. aniversário da Imprensa Católica, em 02.02.1899.

25. Carta Pastoral de Dom José de Camargo Barros expondo a doutrina da Igreja sobre o caso da Paróquia da Palmeira, em 24.04.1899.

26. Carta de despedida de Dom José para participar em Roma do Concílio Plenário dos Bispos da América Latina, em 10.04.1899.

27. Relatório do segundo e terceiro ano da Caixa Diocesana (de janeiro de 1897 a dezembro de 1898); em 24.03.1899.

28. Carta sobre matrimônio misto, em

24.08.1899.

"Vossa Revma. pode então em caso dado, quando por ocasião de um matrimônio misto e julgar preciso, requerer a autorização para celebrá-la na Igreja com o rito que, segundo o Ritual se emprega nos matrimônios meramente católicos."

29. Pedido de Pe. Antônio Eising para afastar-se por seis semanas da Paróquia (para descanso) em 25.04.1899.

30. Resposta positiva do Bispo ao pedido feito, em 27.10.1899.

"Aprovo e abençoo o projeto aqui exposto."

31. Pedido de Pe. Antônio Eising para a compra de uma colônia para a Capela Nossa Senhora do Caravaggio, em 08.10.1899.

"A mencionada colônia nº. 04 de Azambuja segundo o título de posse pertence ao Sr. Jacob Kniss e tem uma área de 18.416 braças quadradas, está adjacente ao caminho público, distante da Vila Brusque 3 km.

... Como o Vale de Azambuja é muito estreito e estéril, tendo em seu grêmio só 9 pobres famílias italianas além da família alemã do Sr. Jacob Kniss, a capela erigiu-se quase só de esmolas que se ofereceram na velha capelinha dos romeiros que vêm de longe para alcançar a graça de Deus nas suas procissões pela intercessão de Nossa Senhora de Azambuja. A nova capela que tem 10m de largura e 14 de comprimento além do presbitério, agora está inteiramente acabada e paga."

32. a) Mandamento em 15.10.1899 sobre o jejum (Indulto sobre o jejum e abstinência em favor da América Latina a ser cumprido no dia 06 de julho).

b) Aditamento para evitar dúvidas e incertezas a respeito da esmola que os fiéis devem dar em compensação da dispensa do jejum e da abstinência, em 22.10.1899.

33. Pedido do Pe. Antônio Eising das dispensas que trata o Decreto-Indulto sobre o jejum e abstinência, em 09.11.1899.

34. Tríduo e consagração ao Sagrado Coração de Jesus em 20.02.1900.

35. Carta Pastoral sobre o Concílio e Consagração da diocese ao Sagrado Coração de Jesus, em 21.11.1899.

36. Publicação no Boletim Eclesiástico da Pastoral Coletiva dos Prelados Americanos, em 02.02.1900.

37. Publicação do 1º. número do Boletim Eclesiástico da Diocese de Curitiba, em 05.01.1900.

38. Mandamento sobre o Boletim Eclesiástico, em 31.01.1900.

39. Carta Pastoral sobre as Escolas Paroquiais e Associação de Santo Antônio, em 02.02.1900.

40. Circular sobre o Boletim Eclesiástico, em 25.01.1900.

41. Pastoral Coletiva dos Prelados Americanos, em 31.01.1900.

42. Carta pastoral sobre o aniversário natalício do Papa Leão XIII, em 03.02.1900.

43. Circular sobre as manifestações religiosas (dia 03 de maio) em 09.04.1900.

44. Circular sobre o Apostolado da Oração, em 01.07.1900.

45. Circular sobre o casamento religioso e civil, em 26.07.1900.

46. Mandamento sobre o ex-vigário de Palmeira, em 25.07.1900.

47. Portaria que trata das faculdades concedidas aos vigários e capelães "in articulo mortis", em 08.09.1900.

48. Circular sobre a recitação do rosário no mês de outubro, em 01.10.1900.

49. Circular sobre a coleta de óbulos para a conclusão da Basilica de Lepanto setembro-1900.

50. Provisão em favor do Pe. Ernesto Consoni, coadjutor da Paróquia, em 23.11.1900.

51. Portaria que trata da celebração da missa noturna (dia 31.12), em 24.11.1900.

52. Circular sobre as celebrações religiosas na passagem do novo século, em 25.11.1900.

53. Carta pastoral que trata do Jubileu, em 26.05.1901.

54. Carta pastoral que trata da Promulgação das Atas e Decretos do Concílio Plenário Latino-Americano, em 24.07.1901.

55. Circular sobre faculdades dos vigários de mais de uma Paróquia, em 02.10.1901.

56. Provisão em favor do Pe. José Sundrupp, como coadjutor das Paróquias de Brusque, São Sebastião da Foz do Tijucas, São João e Porto Belo, em 26.11.1901.

57. Circular sobre o Jornal "Estrela", em 17.12.1901.

58. Provisão em favor do Pe. Antônio Eising no cargo de vigário encarregado

das paróquias de Porto Belo, Tijucas e São João Batista, em 30.11.1901.

59. Circular que trata das modificações dos Estatutos da Irmandade de Santo Antônio, em 24.12.1901.

60. Circular sobre indulgências em favor da dita Irmandade, em 27.12.1901.

61. Pastoral Coletiva dos Bispos, da Província Meridional do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mariana, Petrópolis, Curitiba e Pouso Alegre), em 12.11.1901.

62. Mandamento ordenando algumas obras de piedade em homenagem ao Jubileu Pontifício de Leão XIII, em 10.02.1902.

Termo de encerramento do 1º. Livro :

As noventa e cinco folhas que tem este livro foram todas numeradas e rubricadas com a rubrica — Pe. Alberto — que encerro. Do que lavro este termo.

Brusque, 29 de agosto de 1895

Pe. Alberto José Gonçalves.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

— DIA 30/05/1946 — No Palco do Teatro Carlos Gomes apresentou-se em noite de gala a soprano gaúcha Alma Orlikowski, oferecendo um espetáculo inesquecível para a época.

— DIA 02/06/1946 — No saguão do Teatro Carlos Gomes foi inaugurada exposição de pintura do então consagrado artista plástico Jorge Neider.

— DIA 03/06/1946 — No Palco do Teatro Carlos Gomes, aconteceu bela noite de arte, com o recital de canto do barítono Silvío Vieira.

— DIA 04/06/1946 — A partir desta data, segundo o noticiário, o Clube Atlético Carlos Renaux, de Brusque, passou a participar dos certames oficiais da Liga Blumenauense de Desportos, por decisão tomada por sua diretoria, desligando-se do certame da Federação Catarinense de Desportos.

— DIA 09/06/1946 — Em jogo amistoso com a equipe do Guarani, de Itoupava Norte, a equipe titular do Palmeiras perdeu pela contagem de 4 a 2.

— DIA 12/06/1946 — O barítono Silvío Vieira, após seu grande sucesso na primeira apresentação no Teatro Carlos Gomes, voltou a cantar em Blumenau, desta vez no palco do Cine Busch, perante numerosa platéia e recebendo fartos aplausos.

— DIA 16/06/1946 — O destaque do jornal neste dia foi a exposição, em Blumenau, desde 09/06, no andar térreo do prédio do H. Willecke, à rua 15 de Novembro, da limousine "Champion", produzida pela fábrica norte-americana da Studebaker.

— DIA 17/06/1946 — Neste dia faleceu em Joinville o intelectual jornalista Augusto Montenegro de Oliveira, da redação do jornal "A Notícia", cidadão muito estimado naquela cidade.

— DIA 22/06/1946 — O Clube Náutico América realizou seu tradicional Baile de São João, com a presença de grande número de associados, sendo as danças catedradas pelo afamado Jazz ELITE, de Corupá. *** No Colégio Santo Antônio, foi realizada uma sessão cinematográfica, com a apresentação do filme "O Este contra o Leste". *** Neste mesmo dia, falecia em Blumenau o estimado cidadão Pedro Christiano Feddersen, que emigrou para o Brasil em 1879. Casou em São Paulo com D^a. Ella, em 15 de novembro de 1881. Teve oito filhos. Deixou grande acervo de bons serviços prestados em prol do progresso de Blumenau e da região.

— DIA 24/06/1946 — Jogando contra a equipe de futebol do C.A. Britânia, de

Curitiba, a equipe do Grêmio Esportivo Olímpico empatou por 0 x 0. A equipe do Olímpico jogou com Waldir, Arthur e Arécio; Piska, Pilolo (Kunitz) e Jalmo; Nadinho, Braulio, Helio e Brito.

— DIA 25/06/1946 — Em sua segunda apresentação na excursão que fez a Blumenau, a equipe de futebol do Britânia, de Curitiba, foi derrotada pela equipe do Palmeiras por 2 a 1. O Palmeiras jogou com: Oscar, Pfau e Schramm; Boia, Emilio e Doquinha; Nicácio, Teixeira, Lazinho, Abreu e Saulzinho.

— DIA 30/06/1946 — O jornal denuncia a diversidade de preços do remédio Malarialisina, para combater a malária que, na época, grassava em Blumenau e na região. Verificando nas diversas farmácias locais, foram constatados os seguintes preços para o mesmo produto, com a mesma quantidade de comprimidos: Cr\$ 20,00, Cr\$ 25,00, Cr\$ 36,00 e Cr\$ 40,00.

A vida de descendentes alemães no Hinterland e o auxílio da Mãe Natureza

W. H. TÖNJES

Os que escolheram regiões afastadas de centros urbanos ganharam ou compraram terras quase de graça. Tiveram, por conseguinte, que adaptar-se a Natureza aproveitando de melhor jeito o disponível. À noite, velas, candeeiros, lamparinas na iluminação; cozinha com fogão a lenha, água das chuvas ou dos mangues ou de córregos ou rios disponíveis. Até recentemente o banheiro ficava fora de casa com sistemas de tábuas com aberturas redondas. Contra mosquitos, folhas esmagadas de eucalipto cheiroso, esfregadas na pele e a queima de madeira resinosa para afastá-los.

Os mosquitos costumam chegar ao anoitecer e a defesa é fechar a casa antes deste horário. Os borrachudos e botucas são uma praga e ganha quem avista o outro primeiro, quer dizer: a gente tem de ficar de olho no corpo exposto e lascar um tapa no inseto.

Com o advento da eletricidade em alguns lugares, melhorou a qualidade de vida do agricultor. Nas costas catarinenses no norte do Estado há lugares ainda inóspitos e dá para ter-se uma boa impressão de como se vivia antigamente.

Nestes lugares planta-se tudo para tornar a família auto sustentável. Os mantimentos são guardados em lugares não hermeticamente fechados. Há roedores causadores de prejuízos de monta e gatos não são disponíveis pois são devorados por outros animais maiores. Os cães são mais para guarda e caça e nem sempre ágeis para enfrentar camundongos e ratos. Estes animais vão de uma propriedade agrícola a outra devorando o que alcançam. De repente aparece ela, a anti-praga. Ela passa entre as frestas da casa, em orifícios redondos; seu corpo esguio e roliço penetra tão bem como num buraco quadrado e ela sobe as paredes de madeira e atinge o sótão a procura dos roedores. A caninana. Esta cobra é amiga dos colonos e o rastejar ouvido é visto com tranquilidade pelos caseiros. Quando nada mais encontra a cobra caninana some tão rapidamente como chegou. Cetera vez uma cobra de quase dois metros atravessava o quintal frequentado por galinhas caipiras. As penosas jamais tinham visto um verme tão comprido. Cacarejando entre si comentavam a aparência do réptil e mais

bípedes vieram ver a rastejadora. Formou-se uma fila do lado direito da cobra e uma fila do lado esquerdo do réptil e assim aquela enorme procissão foi de um lado do quintal ao outro lado com aquele verme longo demais para ser bicado caminhando lentamente num quadro digno de ser visto e filmado. Lá adiante, com os galináceos emitindo có... có... cóóóó... a serpente enfiou-se num buraco de cerca e desapareceu.

A HIGIENIZAÇÃO DOS LOCAIS

Elas vem com força total e organizadas em colunas. Feitas as contas pode-se dizer que se numa caixa de abelhas há dezenas de milhares delas, então são milhões as formigas vindas do mato. As formigas são carnívoras e marcham atacando a todos e tudo o que for comestível. Este fenómeno é chamado de corrição, e caminham um alqueire por dia (dados de roceiros). De cor marrom ou preta estes pequenos animais invadem as casas e vão preferencialmente a cozinha ou despensa. Baratas e lagartixas, cupins menos desavisados, mosquitos, borrachudos, besouros, aranhas venenosas ou não, tentam escapar pulando ou voando. Onde porém, caem ou pousam lá também, estão outras carnívoras que prendem os insetos pelas patinhas e num instante o trucidam só sobrando as asinhas. Tive ocasião de ver uma espécie de enorme aranha destas que dão medo ser atacada ou devorada. As formigas tingem de cor diferente um pasto de 20 x 15 metros e o verde do campo se movimenta mesmo sem vento. Quem observa este tapete vivo marchando pensa poder pisotear as pequenas terríveis; é todavia enganoso este proceder. Elas sobem pelas botas e bastam algumas picadas para a pessoa abandonar a luta.

Usa-se cal virgem espalhada ao redor da casa toda como meio de impedimento da ação dos seres. Cai porém, um galho de árvore ou folha seca e ime-

diatamente as batedoras comunicam às outras e uma rápida coluna atravessam o obstáculo. Elas sabem a direção a seguir e vem pelo cheiro. Refestelado numa poltrona às 10 da noite, vendo televisão, senti repentinamente desconforto e olhando bem, vi uma carreira de formigas vindo em minha direção. Dado o alarme, todos se levantaram e saíram da casa esperando a vez das formigas por seu turno se retirarem. Se as pessoas dormem, as formigas passam pelos mosquiteiros e expulsam os dorminhocos altas horas da noite.

OS BATRÁQUIOS E MICRORÉPTEIS

As pererecas, noutras épocas, uma lauta refeição para os répteis, grudam nas paredes e, andando de uma parede a outra, alimentam-se de insetos que procuram as proximidades de lâmpadas. Os humanos sabem do seu valor e as respeitam. As lagartixas são igualmente úteis e engolem insetos que incomodam. Mini-saurios pré-históricos, oferecem o rabo em caso de perigo, e um bicho maior atraído ataca o rabo que se desprende do corpo, dando tempo para a lagartixa fugir.

AS ANDORINHAS

No verão, é grande a revoada dos cupins saindo das frestas das casas de madeira nos sítios. Não se utiliza produto químico para combatê-los. Entram em ação os pássaros. Pousados em local estratégico ao por do sol, as andorinhas em vôo contínuo e rasante atacam os cupins voadores e voltam a pousar na quina da casa, aguardando nova remessa de alimento voador, o qual continuamente sai dos orifícios da madeira não cortada na fase da lua correta. A madeira cortada na lua certa é impermeável à ação de insetos roedores.

Este espetáculo proporcionado pela Natureza é impressionante e acaba quan-

do o último cupim abandona a casa. Vendo a inexistência de mais cupins, as andorinhas partem.

AS POÇAS D'ÁGUA E BANHADOS

São criadores de mosquitos. No instante em que aparecem piavas, muitos dizem, trazidas pelas garras enlameadas de passarinhos adoradores de pequeno banho nestes lugares, as larvas de mosquitos desaparecem; alimento preferido pelos peixinhos, habitantes destas poças d'água.

As galinhas costumam liquidar com escorpiões e aranhas, permanecendo o terreiro limpo destes perigosos seres. A cobra escura de nome mussurana, polícia o quintal a procura de outras cobras venenosas como coral e jararacusú. Enquanto que a mussurana receia o ser humano, a urutú o espera no caminho e ataca jogando para frente, no comprimento de seu corpo, como uma mola, no intuito de morder o colono que, corre ou procura acertá-la com um pau.

Narrado por Cesário Wick, apicultor

GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges

(Continuação)

Q1-18 — Diva Regina Mees Stringari — Nat. Joinville.

Q2-19 — José Roberto Stringari — Nat. Joinville.

T11-190 — Zulma Mees — (Itajaí), n. 26.10.1944 — cc Laerte Santos.

B3-181 — José Meurer — Frei Bartolomeu, + no bairro Pari, SP. Previu o dia de sua morte — f. João José Meurer e Filomena Gerent.

B4-182 — Lydia Meurer (SAI) — cc Nicolau Turnes, c/ sucessores.

B5-183 — Leopoldo Meurer (SAI) — cc Maria... c/m filhos. A filha Elza é funcionária da matriz São Paulo Apóstolo, onde reside — Bl.

N4-79 — Augusta Gerent, n. 06.02.1882 — Spa, f. Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Ana Schmidt, n. 30.09.1857 — n/p João Gerent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819.

Augusta Florentina + em 1975, c/93 anos. Em 22.03.1907, cas. SAI — cc Pedro Durieux, n. 08.02.1886 — Itajaí, f. Luiz Durieux e Maria Werner, + em 1941 — SAI. Pais de 8 filhos:

B1-184 — Aloysio Durieux, n. 14.05.1908 — Frei Odorico, O.F.M. Convento de Santo Antônio — Blumenau/SC.

B2-185 — José Durieux — Coqueiros/Fl. — viúvo de Undina Schweitzer, c/m filhos.

B3-186 — Maria Augusta Durieux — Fl. — viúva de Romeu Melquíades de Souza.

B4-187 — Pedro Durieux Jr. — Joinville — cc Iracema Souza.

B5-188 — Edelberto Durieux, + peq.

B6-189 — Bernadete Durieux, + solt.

B7-190 — Edelberto Durieux II, + c/2 anos.

B8-191 — Aloysio Afonso Durieux — cc Vandera Braun (viúva) — Bl.

N5-80 — Leopoldo Augusto Gerent, n. 1884, f. Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Ana Schmidt, n. 30.09.1857 — n/p João Gerent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819.

Em 18.02.1905, cas. SAI, L 7, fl. 40, T 5 — cc Maria Thiesen, n. 1883, f. Carlos Thiesen e Joaquina Michels. Pais de 15 filhos.

B1-192 — Maria Gerent — cc Leopoldo Klein — Jaraguá do Sul — c/m filhos.

B2-193 — José Carlos Gerent, (Astorga/PR) — cc Edith Lehmkuhl. Pais de 9 filhos :

T1-191 — Wilma Gerent — cc Alílio.

T2-192 — Ivone Gerent — cc Otacílio — Astorga/PR.

T3-193 — Nelson Gerent — Fazendeiro.

T4-194 — Valdir Gerent.

T5-195 — Marlene Gerent.

T6-196 — Mauri Gerent — Joinville — Bancário.

T7-197 — Carlinhos Gerent — Joinville — Rep. Consul.

T8-198 — Adilson Gerent — P.A.

T9-199 — Jair Gerent — cc Aurora — Adv. — Joinville

B3-194 — Augusto Gerent, + 1942 — Jaraguá do Sul — cc Emília Vasen — c/3 filhos.

B4-195 — Verônica Gerent (T. Martins) — cc André Vicoski.

B5-196 — Pedro Gerent (T. Martins) — cc Maria Klein. Pais de 9 filhos (3 +).

T1-200 — Erika Gerent — cc Simplício Freiberg.

T2-201 — Osmar Gerent — cc Elvira Picoli — (Parente do Pe. Alberto Piazero).

T3-202 — José Gerent — cc Ivone Stinger.

T4-203 — Arnaldo Gerent — cc Cecília Ferreira.

T5-204 — Erondina Gerent — cc Silvério Abreu.

T6-205 — Lourdes Bernadete Gerent — solt.

B6-197 — Bertildes Gerent — cc Victor Vicoski.

B7-198 — João Gerent — cc Maria Spíndola.

B8-199 — Fridolino Gerent, + c/ Diabetes.

B9-200 — Ernestina Gerent — Irmã Marisa — Colégio Mãe de Deus, Londrina/PR.

B10-201 — Antonio Gerent, + c/ Diabetes.

B11-202 — Aloysio Gerent — (Grotta Funda, Itapocuzinho/Jaraguá do Sul), filho da 2ª. esposa de Leopoldo Augusto Gerent e Leopoldina Longen.

B12-203 — Rainildes Gerent — cc... Correa.

B13-204 — Teresinha Gerent — Joinville.

B14-205 — Eugênio Gerent — Entrada de Joinville.

B15-206 — Mário Gerent.

N6-81 — Rosalina Gerent, n. 1885, f. Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Ana Schmidt, n. 30.09.1857. Em 18.11.1907, cas. SAI, L 8, fl. 23, T 61 — cc José Kuhnen, n. 1880, f. João Kuhnen e Maria Michels. Pais de 9 filhos :

B1-207 — Clotilde Kuhnen, n. 04.04.1909, + 29.06.1935 — cc Adolfo Junglos, + 18.11.1937 — c/2 filhos.

B2-208 — Arnaldo Kuhnen, n. 02.05.1911, + 09.09.1961 — cc Cecília Böing, + 17.05.1991 — c/14 filhos.

B3-209 — Adelina Kuhnen, n. 08.02.1914 — cc Henrique Junglos, + .10.1978 c/12 filhos.

B4-210 — Lydiá Kuhnen, n. 19.06.1916 — cc Adolfo Vandressen, + 1987 — c/6 filhos.

B5-211 — Vendelino Kuhnen, n. 08.02.1919 — cc Irene Sibila Rode, n. 01.08.1923 — c/9 filhos. V Ramos.

B6-212 — Maria Kuhnen, n. 10.04.1921 — c/1 filho.

B7-213 — Leopoldo Kuhnen, n. 01.08.1923 — cc Tabita Ern, n. 08.01.1927, em

12.07.1947 — c/11 filhos. Mora em Curitiba/PR, Rua : Santa Regina, 253 — Capão Raso — fone : 041-246-0260.

T1-206 — Maria Antonia Kuhnen, caçula.

B8-214 — Lindolfo Kuhnen, n. 31.05.1926, Em 31.10.1948 — cc Rainilda Böing — c/7 filhos.

B9-215 — Dorvalino Kuhnen, n. 20.10.1928, 1ª. vez cc Maria Longen — c/6 filhos; 2ª. vez cc Ursula — c/1 filho.

N7-82 — Albertina Gerent, n. 19.06.1889, em S. Joaquim e + a 26.04.1964 — SAI — f. Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Ana Schmidt, n. 30.09.1857, Spa — cc Guilherme Hünttemann, viúvo de Catarina Mees — nat. de Teresópolis — f. José Hünttemann e Ana Maria Theodora Leklen, + a 08.01.1943, em SAI — c/72 anos, n. 1871. Ob. SAI — L 7, fl. 31, T 1.

Em 14.09.1918, cas. SAI — L 9, T 29. Casou-se c/ Albertina Gerent, com quem teve 5 filhos :

B1-216 — José Guilherme Hünttemann — cc Margarida Zimmermann. Pais de 10 filhos :

T1-207 — Aloísio Hünttemann — cc Lúcia da Silva ,f. João Silvino da Silva e de Holindina Tomázia de Freitas — c/6 filhos.

T2-208 — Adolfo Hünttemann — cc Antonia Hünttemann.

T3-209 — Sérgio Hünttemann — cc Goreti Santos, f. Diloca Adelino Santos e Irene Santos — c/2 filhos.

T4-210 — Sílvio Hünttemann — cc Onilda Seemann — c/3 filhos.

T5-211 — Tadeu Hünttemann — cc Zita Battistoti, f. Mário Battistoti e Olga Gerent — c/2 filhos.

T6-212 — Teófilo Hünttemann — cc Lourdes Hünttemann — c/2 filhos.

T7-213 — Marlene Hünttemann — cc Gerson Duarte, f. Gercino Duarte e Emília Duarte — c/2 filhos.

T8-214 — Maria de Fátima Hünttemann — cc João Francisco de Souza Neto, c/2 filhos.

T9-215 — Marcia Regina Hünttemann — cc Ricardo Guilherme Deucher, f. Jonato Henrique Deucher e Nilza Broering — c/2 filhos.

T10-216 — José Afonso Hünttemann — cc Iraci Hünttemann — c/1 filho.

B2-217 — Maria Hünttemann — cc Orlando Becker, f. Pedro Becker e Clara Becker — c/11 filhos :

T1-217 — José Adolfo Becker — cc Aparecida Lenfers — c/5 filhos.

T2-218 — Selma Becker — cc Nilton Berkembrock — c/4 filhos.

T3-219 — Zilma Becker — cc Abelardo Coelho — c/4 filhos.

T4-220 — Heriberto Becker — cc Salete Broering — c/3 filhos.

T5-221 — Guido Becker — cc Ligia Becker — c/3 filhos.

T6-222 — Zélia Becker, falecida.

T7-223 — Zelanda Becker.

T8-224 — Zuma Becker, falecida.

T9-225 — Rogério Becker — cc Aladi Bueno — c/3 filhos.

T10-226 — Betinha Becker.

T11-227 — Pedro Becker — cc Salete Becker — c/1 filho.

B3-218 — Verônica Hünttemann — cc Aleixo de Souza.

B4-219 — Ernestina Hünttemann — cc Fredolino Schmidt — c/8 filhos.

B5-220 — Bernadete Hünttemann — cc Celso Pedro Turnes — c/9 filhos.

O1-20 — Luciane Hünttemann Garcia, f. José Pedro Turnes e Ana Maria Hünttemann — n/p Augusto Francisco Turnes e Dalila Maria Ventura — n/m Aloisio Hün-

temann e Luci da Silva — b/m José Guilherme Hüntemann e Margarida Zimmermann — cc Marco Aurélio Garcia, f. João Domingos Garcia e Otilia Cândida da Cunha, R. Serv. Zilá Bossle, n. 5555 — Centro — SAI, SC fone: 0482 — 45-1148.

N8-83 — José Gerent, n. 08.09.1894, Capivary/Tubarão — SC, f. Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Ana Schmidt, n. 30.09.1857 — Spa n/p João Gerent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/m Nicolau Adão Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — b/p Miguel Gerent e Ana Maria Pudinger, n. 1787, + 02.06.1863, c/76 a., sep. em Biguaçu — (53V-8) Spa — b/m João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792.

Em 21.04.1917, cas. SAI — L 9, T 19 — cc Leopoldina Lehmkuhl, n. 14.01.1898, f. Augusto Antonio Lehmkuhl e Matilde Clasen. Pais de 13 filhos.

B1-221 — Rainildes Gerent, n. 03.02.1918, Irmã Clarissa descalça, Maria Filomena do Amor Misericordioso — mosteiro N. S. dos Anjos — Rua Jequitibá, 41 — Gávea/R.J.

B2-222 — Pedro Gerent — cc Edwiges Schwinden, SAI — Fone: 45-1298.

B3-223 — José Gerent — cc Maria Rosar, Fpolis. — Rua Anita Garibaldi 41/102 — Centro — Fone: 0482-22-2701.

B4-224 — Odete Gerent — cc Carlos Coelho, S.P. — Rua: Maestro Elias Lobo, 293 — Fone: 011-887-4895.

B5-225 — Valda Gerent — cc João Cláudio Santana, Fpolis.

B6-226 — Olga Gerent — cc Mário Batistoti, n. 08.06.1916, + a 15.09.1985 — SAI.

B7-227 — Maria (Mimi) Gerent — solt.

B8-228 — Wilmar Gerent — cc Almée Ataíde, Fpolis — Fone: 0482-22-1305.

B9-229 — Teresinha Gerent — cc Elídio Thiesen (falecido) — SAI.

B10-230 — Maury Gerent — cc Teresinha Thiesen — SAI.

B11-231 — Zélia Maria Gerent — cc Zélio — (P.A.) RS.

B12-232 — Antônio José Gerent — cc Alba Lehmkehl — Fpolis.

B13-233 — Maria Salete Gerent — cc Afonso Della Rocca — SAI.

N9-84 — Clotilde Gerent (minha mãe), n. 03.06.1894 — Armazém — Tubarão/SC, + a 17.06.1964, c/70 anos em Blumenau, onde foi sepultada. A 18.03.1991, aberta a sua sepultura, o seu corpo ainda se conservava intacto, todo rígido, após 27 anos. Que Deus a tenha em sua Glória!

Clotilde era filha de Pedro João Gerent, n. 21.08.1854, Spa, + a 04.01.1924, c/69 anos e Ana Schmidt, n. 30.09.1857, Spa, + em .08.1895, c/38 a. — Armazém/SC. n/p João Gerent, n. 1822, + 1855, c/33 anos — c/4 filhos menores — cc Ana Maria Waltrich, n. 1821, f. Sebastião Waltrich, n. 1796, e Ana Maria Wilhelms (Guilherme), n. 1787 — n/m Nicolau Adão Schmidt, n. 1815, Brohl/Alemanha e Margarida Bins, n. 1819 — b/p Miguel Gerent e Ana Maria Pudinger, n. 1787 e + a 02.06.1863, c/76 anos — sep. em Biguaçu (53V-8) Spa — b/m João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791, Brohl/Alemanha, e + no começo de 1837, mais ou menos, quando fazia a travessia do Estreito para Florianópolis, a barca virou com mais 7 ou 8 pessoas, iam à uma festa de N. Senhora, conforme tradição oral — cc Maria Madalena Wirschem, n. 1792, etc.

Em 28.06.1919, cas. SAI, L 9, fl. 46V, T15 — cc Ernesto Marcílio da Silva, n. 13.03.1895, + a 13.02.1979, Bl., c/83 anos e 11 meses — filho de Marcílio Manoel da Silva, n. 30.07.1865, Spa, + 15.08.1947, Ang., c/82 anos e Inez Gorges, n. 1865 em Santa Filomena, + 23.05.1937, Ang., c/72 anos — LC 4, fl. 121, T 117, n/p Manoel Frutuoso Ribeiro e Maria Luiza de Ramos, filha de Manoel Machado Lopes e Ana Caetano de Ramos, neta paterna de José Machado Lopes e Ana Joaquina e

neta materna de José Lourenço de Souza e Luiza Caetano de Ramos, n/m Antonio Gorges, n. 05.07.1830, Spa (viúvo de Helena Ludwig) e Catarina Trierweiler, + 20.11.1912, c/79 anos, n. 1833, Spa, filha de Cristóvão Trierweiler e Catarina Kahl, n/m João Frederico Kahl, n. 1772 e Catarina Schmidt. n. 1773 n/p Nicolau Trierweiler e Catarina Hoffmann — n/m Fructuoso Ribeiro e Leocadia Rosa, filha de MANOEL FRANCISCO DA SILVA e Luiza Rosa do Nascimento.

Marcílio Manoel adotou o sobrenome SILVA, possivelmente do pai da sua avó paterna, Manoel Francisco da Silva, b/m — Matias Gorges, n. 1795 e Margaretha Laux, n. 1804 — t/p Antônio Ribeiro, natural das Ilhas Graciosas, Açquipélago dos Açores/Portugal e Maria de S José — t/m Antônio Gorges e Maria Prim. Pais de 11 filhos, [1 nati morto].

B1-234 — Maria Gerent da Silva, n. 12.05.1920, Ang., + 22.11.1987, Sertão do Imaruí, S.J. — sepultada em Spa.

Em 1948, cas. Ang. — cc Afonso Back, n. 08.08.1918, R. Táboas — Ang., f. Nicolau Back e Berta Kreuzsch — n/p Fernando Back e Catarina Schwarz. Pais de 3 filhos.

T1-228 — Jaime Back, n. 06.10.1949 — Catuira, AW — div. de Alzira Maria Dias, c/2 filhos.

Q1-21 — Jair Back, n. 1968, Catuira, AW.

Q2-22 — Tânia Back, n. 1970, Catuira, AW.

T2-229 — Teresinha Back, n. 29.04.1951, Catuira, AW — cc Rogério Jönk, c/3 filhos.

Q1-23 — Marlei Jönk, n. 06.11.1972.

Q2-24 — Vânio Jönk, n. 17.11.1973.

Q3-25 — Marcos Jönk, n. 04.04.1976.

T3-230 — Orlando Back, n. 16.01.1953, Catuira, AW — div. Sônia Perard, n. 27.10.1957 — c/2 filhos.

Q1-26 — Max Back, n. 20.08.1978.

Q2-27 — Márcia Back, n. 25.12.1982.

B2-235 — Rainilda Clotilde da Silva, n. Ang., 18.09.1921, + 14.12.1986, Blu., c/65 anos — sep. de Deoclécio Pereira c/ 2 filhas.

T1-231 — Albertina Pereira, n. 31.05.1954, + afogada em Camboriú, c/9 anos — 1963.

T2-232 — Deonilda Maria Pereira — solt., n. 11.03.1961 — Canelinha/SC.

B3-236 — Aloysio Ernesto da Silva, n. 02.05.1923, Ang. e + 09.08.1940, c/ 17 anos em Campinho, distrito de Boiteuxburgo. Morreu trabalhando, quando um galho de árvore lhe caiu sobre a cabeça, quando fazia uma coivara.

B4-237 — Pedro Ernesto da Silva, n. 26.02.1925, Ang., f. Ernesto Marcílio da Silva e Clotilde Gerent.

Em 20.09.1956, cas. Belo Horizonte — cc Neuza Derenusson Teixeira, n. 28.06.1925 — Praça Barão de Drumond, Rio de Janeiro — f. Alberto Martins Teixeira, n. a 13.01.1900 — Portugal e + a 25.05.1961, em Belo Horizonte, c/61, onde foi sepultado no cemitério do Bonfim.

Evadiu-se, com seu pai e outros irmãos, de Portugal, em 1910 para o Brasil, devido a queda da Monarquia, chegando ao Rio de Janeiro a 20.03.1910 à bordo do cargueiro Santos.

(Continua)

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89010-001 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves
Diretor Depto. Histórico Museológico: Sueli M. V. Petry



Consórcio
Breitkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.